

Carmen Villas Bôas

Compêndio
de um
Amor
Perdido





Carmen Villas Bôas

Compêndio
de um
Amor
Perdido




DRAGO
EDITORIAL

Copyright© 2018 — Todos os direitos reservados a: Drago Editorial

Nome da Obra: Compêndio de um amor perdido

Autora: Carmen Villas Bôas

Revisão: Patrícia Drago

Capa e diagramação: Denis Lenzi

Editores Responsáveis: Gustavo Drago & Patrícia Drago

Dados de Catalogação

Bôas, Carmen Villas

Compêndio de um amor perdido/ Carmen Villas Bôas
1ª edição - Rio de Janeiro, RJ - Drago Editorial, 2018.

ISBN: 978-85-9596-072-5

1 - Romance 2 - Literatura Brasileira



www.dragoeditorial.com

Drago Editorial LTDA

contatos@dragoeditorial.com

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem a autorização por escrito da editora.

Dedico esse livro aos meus amados filhos
Guilherme e Giovanna e ao meu marido Sérgio.

E a todas as mulheres cujo pedacinho da sua
história me inspirou.

Índice

Abandonada	9
Brava	15
Carente	21
Deprimida	27
Esperançosa	32
Feia	35
Gulosa	39
Hipocondríaca	43
Informada	47
Jovem	51
Louca	55
Medrosa	59
Normal	63

Ocupada	67
Preocupada.....	72
Quente	77
Racional	81
Sozinha	85
Tensa	89
Única	94
Vitoriosa	97
Apaixonar-se	100
Feliz	103





Abandonada

Para mim, era só mais um fim de dia comum, igual a qualquer outro, nada demonstrava que algo extraordinário estava para acontecer. Tudo parecia absolutamente normal, em seu lugar. Não houve avisos ou presságios, aconteceu de repente. Eu abri a porta do nosso apartamento, voltando do trabalho, e assim que entrei, ele veio depressa ao meu encontro, como se esperasse o barulho da chave na fechadura. No meio da sala, parou bem em frente a mim, encarando-me por alguns instantes, sem falar nada.

— Aconteceu alguma coisa? — questionei, preocupada, ao ver o seu semblante impassível, percebendo o estranho e pesado silêncio que preenchia o lugar, anunciando o que estaria por vir.

Naquele instante, eu imaginei mil possibilidades, menos o que ouviria a seguir.

— Sim, aconteceu... Eu vou embora, estou deixando você — respondeu com a voz firme e insensível, as palavras saíram da sua boca sem tropeços ou dúvidas.

Minha primeira reação foi rir, achei que era uma piada, alguma espécie de brincadeira de mau gosto, apesar de não sermos assim, mas ao olhar de relance a mala que aguardava em um canto da sala, percebi que ele falava sério, então meu coração afundou em desespero; fiquei perdida, sem entender o que estava acontecendo, pois, naquela manhã, quando saí para o trabalho, nós nos despedimos com um singelo e cotidiano beijo, sem grandes emoções ou paixões. Só aquele simples beijo do dia a dia, sem nenhum sinal de um iminente adeus.

— Por quê? É por outra mulher? — Minha voz saiu embargada, precisava saber com todo o direito que aquele momento me autorizava, mas tive medo da resposta.

— Não existe mais ninguém. Estou deixando você porque não sou mais feliz ao seu lado e eu quero ser feliz — respondeu com implacável firmeza, acusando-me como se fosse uma criminosa, a ladra que lhe roubou a sua tão desejada felicidade.

— Como você não é mais feliz ao meu lado? — Necessitava de alguma explicação, qualquer uma, sobre esse terrível crime pela qual estava sendo acusada e condenada, sem defesa ou acordo. — Você não me ama mais?

— Não consigo amar essa pessoa amarga e triste que você se tornou. Eu não posso mais viver ao seu lado. Acabou. — Sua expressão era dura, seu olhar gelado. Procurei no fundo dos seus olhos algum resquício do amor de outrora, mas não encontrei nada, só um imenso adeus, não sabia mais o que falar; pega de surpresa, minha mente ficou em silêncio, apagada. — Adeus.

Sem dizer mais nenhuma palavra, ele pegou a mala e saiu, fechando a porta atrás de si, não olhou para mim. A sala se encheu de um imenso vazio e eu fiquei parada ali, de pé, não sabendo o que fazer, totalmente desnorтеada, como estivesse presa dentro de um pesadelo e que nunca mais acordaria.

Não sei por quanto tempo encarei a porta fechada, na esperança que ela se abrisse de novo e ele retornasse, dizendo que havia pensado melhor e o que fez foi por um mero impulso insensato, apenas uma tolice, e me queria ao seu lado. Com o passar implacável do tempo, minhas pernas perderam as forças, eu desabei como um castelo de areia demolido pelo choque da realidade. Fiquei ali sentada no chão, chorei e chorei até meus olhos secarem, pois não conseguia acreditar que tanto amor acabasse com uma acusação e condenação pelo o roubo da felicidade do homem que amava. A felicidade que ele havia confiado a mim, porém, eu, displicente, não soube cultivar e acabei por perder. Minha sentença foi o abandono, sem piedade ou recursos, julgada à revelia. Era uma dor desmesurada que ocupava o meu peito e me impedia de respirar.

Assim, deitada ali no chão, eu me enrosquei para ocupar o menor espaço possível e ficar bem pequenininha, já que era como me sentia, um quase nada, uma pequena partícula sem destino no Universo, algo a ser desprezado. Afinal, eu não seria uma grande vilã? Uma ladra de felicidade?

Relembrei, com amargura, os nossos momentos juntos, imaginando onde estaria o meu erro, se durante os longos silêncios sem nada o que dizer um ao outro ou pelas palavras ressentidas, contidas e escondidas, que paravam na ponta da língua, e presas, cresciam como ervas daninhas dentro do pei-

to até sufocar ou naquelas frases insensatas ditas no atropelo das emoções, sem freios ou recalques, que feriam como ácido e deixavam cicatrizes para sempre.

Não dormi nem tive coragem para me levantar e me permitir o mínimo de conforto; vi as horas passarem insones e os raios de sol invadirem minha janela, clareando o chão onde ainda jazia deitada, anunciando o amanhecer daquele que seria o meu primeiro dia de solidão.

Quando consegui juntar alguma coragem, ergui-me e arrastei-me até o meu telefone e, mesmo com as letras embaralhadas devido aos olhos inchados de tanto chorar, apertei o nome escolhido.

— Ele me deixou – disse rouca e sofrida, ao ouvir a reconfortante voz familiar do outro lado.

— O quê?! – ela indagou, sem entender, ainda tonta de sono. — Ele deixou você?

— Ele foi embora, disse que não era mais feliz ao meu lado – continuei tentando sufocar as lágrimas que escapavam incontroláveis, outra vez.

— Quando? Como? – Ela também foi pega de surpresa, não podia acreditar no que eu falava.

— Ontem, quando cheguei em casa, ele já estava com a mala pronta, disse que ia embora, porque não me amava mais e não era feliz ao meu lado – Repeti as palavras que me feriram, sem nenhuma clemência.

— Não pode ser! Não é possível! – Minha irmã estava tão incrédula quanto eu. – Ele não deu nenhum sinal, vocês não conversaram.

— Não, ele simplesmente partiu e me deixou.

— Fique calma! Eu estou indo para aí, ver você.

Deixei o telefone deslizar pela minha mão e me deitei, encolhida no sofá, quieta. Não sabia quanto tempo havia se passado, quando a campainha tocou, uma, duas, três vezes, mas não tinha ânimo para ir até lá.

— Abra a porta! — Ouí a voz do outro lado ordenar, então reuni o resto de força e abri a porta.

Ela entrou voando, parou na minha frente, espantando-se com minha aparência arrasada, abriu os braços e me envolveu com carinho e misericórdia.

— Minha pobre querida! — Ela me apertava forte, mal me deixando respirar. — Como isso pode acontecer? — Eu tentava escapar, precisava de ar.

— Não sei, tudo parecia normal, ontem pela manhã, quando saí de casa. Mas, quando voltei à noite, ele disse que ia embora, já de mala pronta. Falou que não era mais feliz ao meu lado. — Outra vez, as lágrimas escaparam dos meus olhos, desabei no sofá.

— É muito estranho! Ele parecia diferente? Estava tomando algum medicamento? Ele pode estar com alteração de comportamento. Talvez, um tumor cerebral, que o faça agir deste modo.

— Não! Ele estava bem são e lúcido! Sabia exatamente o que estava fazendo e dizendo — confirmei.

Ela sentou ao meu lado, voltou-se para mim, enxugou minhas lágrimas com a sua mão e me deu um sorriso triste, sem saber o que falar para me consolar, pois nada poderia acalantar a minha alma ferida.

— Você vai superar. Ou, quem sabe, ele se arrependa e volte – disse, finalmente, segurando as minhas mãos entre as delas.

— Eu não sei se quero ele de volta – respondi, sem muita convicção.



Brava

Com certeza, aquela foi a pior semana de toda a minha vida. Não sei por quantas vezes peguei o telefone, na esperança que houvesse alguma mensagem dele, um simples sinal que ele ainda se importava comigo, no entanto, só encontrava decepção. Sofri muito, mas calada, porque o que não precisava, naquele momento, era dos olhares de compaixão e pena ou as frases vazias de apoio e estímulo, muito menos, de dar explicações para o que era inexplicável para mim. Para quem me perguntava a respeito da minha aparência abatida, do meu jeito cabisbaixo e das poucas palavras, inventei uma doença, disse para todo mundo que estava com uma virose. Ninguém fez mais perguntas. Alguns me mandaram procurar um médico, sem saber que não havia remédio para o que eu sentia.

Devo confessar, que por algumas vezes, peguei o telefone e liguei para ele, desligando no segundo toque, sem coragem de falar e com medo do que pudesse ouvir.

Já estava me acostumando a chegar ao meu apartamento vazio e silencioso, cheio de dolorosas lembranças da nossa vida

em comum. Muitas vezes, tinha a ilusão que ele entraria pela porta, sairia do banheiro e que, durante o sono, se estendesse meu braço, iria encontrá-lo do outro lado da cama. Essa era a pior parte, o lado vazio da cama, minha única companhia durante as longas noites, quando eu chorava sozinha até dormir.

Minha irmã me ligava todos os dias para saber como eu estava.

— Melhor — mentia e ela fingia acreditar.

Então, naquela tarde em especial, levei um susto, quando o meu telefone tocou e na tela apareceu a foto dele, sorridente. Não podia acreditar, tive que controlar para não demonstrar toda a minha aflição, atendi com as mãos trêmulas e ideias loucas na cabeça.

— Oi — disse, com um fio de voz.

— Oi. Como você está?

— Bem — menti.

Silêncio.

— Eu não queria incomodar, mas preciso pegar algumas coisas e minhas roupas no apartamento.

Meu coração afundou ainda mais ao ouvir aquelas palavras, a constatação do fim.

— Você tem a chave. Vá quando quiser.

— Não, eu prefiro que você esteja lá.

— Por quê?

— Porque é a sua casa.

Eu entendi, não era mais a nossa, mas, agora, apenas a minha casa.

— Tudo bem. Quando você quer ir lá?

— Amanhã à noite, está bom para você?

- Para mim, está bem. Eu espero por você.
- Então, até amanhã.
- Até amanhã.

Antes de ele chegar, estava aflita, dei um jeito na casa, há tanto tempo, esquecida; me arrumei o melhor possível, coloquei um pouco de maquiagem, tentando disfarçar as minhas olheiras pelas noites de insônia, dar uma cor na minha palidez, com uma pontinha de esperança, quem sabe, ele havia se arrependido e pretendia se reaproximar. Por isso, não queria que visse minha aparência destruída ou que descobrisse todo o mal que me fez. Afinal, restava-me o meu orgulho.

Quando a campainha tocou, passei a mão nos cabelos, respirei fundo, abri a porta, com uma expressão falsamente imparcial, e deparei com ele, parado, na minha frente, parecia bem, com certeza, melhor do que eu. Meu coração bateu forte, com o seu sorriso tímido e sua atitude retraída. Ele estava totalmente sem graça na minha presença, como dois velhos conhecidos que se reencontravam, depois de muito tempo separados, e descobrem que não têm mais nada em comum ou a falar. Ficamos nos encarando por alguns segundos.

- Oi – ele disse, quebrando o gelo.
- Oi! Entre! – respondi de um jeito amigável, abrindo mais a porta para lhe dar passagem.
- Não quero incomodar. Não vou demorar muito. Só quero pegar algumas coisas que estou precisando.
- Tudo bem. – Dei de ombros. — Pegue o que quiser. Não estava disposta a brigar por ninharias.
- Como você está? – Ele insistiu na pergunta, talvez para aliviar a sua culpa.

— Bem — reiterei a mentira.

— Posso ir até o quarto?

Aquela era a confirmação que não morava mais ali. Asenti com a cabeça. Ele desapareceu pelo corredor, fiquei parada no meio da sala, sem saber o que fazer.

— Posso pegar uma das malas para colocar minhas coisas?

— Claro — concordei, indo até lá. — Precisa de ajuda? — Esforcei-me para perguntar, pois aquela cena de ele arrumando a mala para ir embora, para sair da minha vida de uma vez por toda, cortou o meu coração, senti um nó na garganta, tentei segurar as lágrimas, que molhavam meus olhos. Ele percebeu e me encarou cheio de compaixão, aquilo doeu ainda mais.

— Não, obrigado. Não vai dar para levar tudo de uma vez.

— Sete anos não cabem em uma única mala.

— Não cabem. Posso usar o banheiro? — Sabia que ele queria se afastar de mim e da minha enxurrada de emoções, com medo de ser sufocado, eu sacudi a cabeça afirmativamente.

Quando ele saiu, comecei a dobrar as suas roupas sobre a cama, no automático, colocando-as dentro da mala, com cuidado. Foi nesse momento que ouvi aquele barulhinho típico, olhei a procura da sua origem e encontrei o telefone dele, esquecido, sobre a cama. E ele acabara de receber uma mensagem. Sabia que não devia fazer isso, mas não consegui segurar a minha curiosidade.

“Por que você está demorando tanto? Volta logo!” A mensagem era finalizada com um coraçãozinho e um beijo verme-

lho. Aquilo foi um choque. Ele mentiu para mim, havia outra pessoa que o esperava em algum lugar, com beijos e corações. Ele me deixou por outra mulher, acusando-me, injustamente, de roubar sua felicidade.

Aí, ele apareceu na porta do quarto, meus olhos em brasas subiram, lentamente, da tela em direção ao seu rosto, que me fitava sem entender aquela minha atitude. Ergui a mão e balancei o telefone bem diante de mim para ele ver.

— Quem é ela? — questionei, com a voz tão fria e segura, que até me espantou. Ele arregalou os olhos ao me ver segurando o seu telefone, tentou alcançá-lo, eu me esquivei. — Quem é ela? — Repeti a pergunta em um tom mais alto e agudo.

— Eu a conheci no trabalho — finalmente, confessou, de um jeito hesitante, sentindo o peso da culpa e da mentira.

— Há quanto tempo isso está acontecendo? — Eu parecia estranhamente equilibrada.

— Há alguns meses.

Foi como se um vulcão explodisse dentro de mim, derramando um monte de sentimentos represados e orgulho ferido, nesses últimos dias.

— Não havia ninguém! Não havia outra mulher! Você me deixou porque era infeliz! — Comecei a acusá-lo, em voz baixa, sem conseguir disfarçar a minha raiva e nem queria.

— Deixa eu explicar! — Ele tentou, sem jeito, postando as mãos em penitência.

— Você disse que eu roubei sua felicidade, mas estava com outra! — Minha voz saiu mais alta.

— Calma! Eu posso explicar! — Ele repetiu, tentando me tranquilizar e aquilo me deixou ainda mais irritada.

Nesse instante, comecei a pegar tudo que estava na minha frente e atirar nele, com toda força. A primeira vítima foi o telefone na minha mão, que se espatifou contra a parede.

— Meu telefone! — Desesperou-se ao ver o aparelho cair em mil pedaços aos seus pés.

— Isso não é nada perto do que você fez comigo! — Acusei, jogando roupas, cuecas, livros, todos os objetos que já estavam dentro da mala, berrando: — Vai embora! Saia da minha casa, agora!

— Mas, e as minhas coisas? — perguntou, fugindo correndo, pelo apartamento, agarrando tudo que conseguia do meu insano bombardeio.

— Vai embora! Essa casa é minha! Não quero nunca mais ver você! — Pela última vez, gritei, enquanto ele saía, apressado, e eu batia a porta, com toda força, atrás dele.

Depois, eu me encostei na porta e escorreguei até o chão, em prantos.



Carente

Depois da descoberta da razão do meu abandono, não me sentia mais tão culpada por nossa separação, mas minha vida estava estagnada, não via nenhuma saída, ou pior, caí em um redemoinho que me puxava para baixo, afogando-me em um mar de depressão e autopiedade.

Pouco a pouco, as pessoas ao meu redor começaram a perceber, que aquela cara abatida e os escuros círculos sob meus olhos não eram só uma virose incurável. No entanto, todos fingiam que nada estava acontecendo, e ninguém se atreveu a perguntar o motivo, com medo da resposta. De certa forma, fiquei agradecida, porque não desejava contar a minha história de abandono, mesmo que meu papel tenha mudado, pois já não era mais a vilã, a ladra de felicidade, agora, era a mulher traída e abandonada, que merecia compaixão. Contudo, eu não queria esse papel de vítima para mim.

O pior era voltar para casa todos os dias, depois do trabalho, e encontrar o silêncio e a solidão. Passei várias noi-

tes insones, chorando, com pena de mim mesma, era uma dor quase física. Muitas vezes, quando acordava pela manhã, antes de abrir os olhos, tinha a breve ilusão, que ele estaria deitado ao meu lado, que bastava estender o braço para tocá-lo, porém, logo me recordava da dura realidade, que estava sozinha na nossa cama.

Lutava para me focar, voltar a ter uma aparente vida normal, trabalhava com afinco, postergando mais e mais a hora de retornar para minha casa vazia. No entanto, naquela tarde, tudo parecia dar errado, estava abarrotada de trabalho, estressada, sem conseguir me concentrar, querendo jogar os problemas para o alto e sumi, assim descontei a minha frustração no pobre teclado do computador por causa de um erro idiota. A colega da mesa ao lado da minha assistiu a toda aquela cena de descontrole, com um ar de surpresa, pois eu não era assim, nunca tive esses arroubos de ira.

— O que o pobre teclado fez para você? — Sua voz era tranquila, olhei na sua direção, voltando à realidade, espantada por ter sido pega em flagrante delito, ela me sorriu, benevolente. Devolvi-lhe um sorriso tímido e envergonhada pelo meu ataque de fúria.

— Desculpa. Foi mal — respondi, sem graça.

— Às vezes, acontece — disse, em um tom de cumplicidade. — Tudo bem com você? — Ela me olhava com aquele jeito afável, me deixando vulnerável.

— Não! — Sacudi a cabeça. — Meu companheiro me deixou por outra! — revelei, entre lágrimas, o que não havia dito ainda em voz alta, para ninguém ali.

Ela se assustou com aquele súbito rompimento da baragem de emoções. Ficou parada, olhando para mim, sem

saber o que fazer, enquanto eu chorava e soluçava compulsivamente.

— Calma! Vai passar — Ela se aproximou, meio hesitante, colocou a mão sobre o meu ombro, na tentativa de me consolar.

— Desculpa! — Caí em mim. — Eu ando meio carente e emotiva, ultimamente — justifiquei-me, levantando e correndo para o banheiro.

Diante do espelho, sob a fria luz fluorescente, minha imagem refletida estava horrível, pálida e abatida, olhos inchados com círculos escuros sob eles e nariz vermelho; lavei o rosto e tentei me recompor a melhor maneira possível. Respirei fundo e retornei para a minha mesa. Senti os olhares curiosos e piedosos se voltarem para mim à minha passagem. Tentei manter a cabeça erguida e meus passos firmes, sentei à minha mesa, sem olhar para os lados.

— Está melhor? — minha colega perguntou, com muito cuidado, possivelmente, com medo de outro ataque de choro, e com aquele terrível olhar de compaixão.

— Estou — respondi com um fio de voz, sem me voltar para ela, abaixei a cabeça e tentei me concentrar no trabalho.

No fim do dia, quando saía do escritório, encontrei-a, no meio da rua, parecia que me esperava, aproximou-se com cautela.

— Oi. Tudo bem?

— Sim.

— Quer conversar um pouco? — propôs, eu a encarei, admirada.

— Não sei.

— Sabe, às vezes, é bom falar. Eu sei como é isso, quanto mais falamos sobre o assunto, mais ele vai se dissolvendo no ar, as palavras e os sentimentos se perdem na atmosfera, se desfazem como gotículas d'água. Mas, se a gente guarda dentro de si, ela começa a crescer, ficam sem espaço e nos sufocam, nos matando aos poucos.

— Não sabia que você era uma poetisa!

— E eu não sou, mas também fui abandonada pelo meu marido, há alguns anos.

— Eu não sabia.

— Já faz muito tempo, não falo mais sobre isso. Quer beber algo comigo? Um refrigerante? Um café?

Fiquei em silêncio, pensativa, depois, concordei. Fomos até um daqueles barzinhos com mesas e cadeiras na calçada, que ficam apinhados no fim da tarde, cheio de gente que terminou mais um dia de trabalho e quer relaxar e se divertir.

— Quando ele foi embora? — indagou, assim que ocupamos uma mesa, cercadas pelo barulho dos grupos à nossa volta, e pedíamos refrigerantes.

— Há duas semanas. Ele me deixou por outra.

— São as piores semanas. Ficamos pensando, procurando uma resposta do que fizemos de errado, em que falhamos para a pessoa amada nos deixar, nos trocar por outra, depois melhora com o tempo.

— Em quanto tempo?

— Não sei, não me lembro. Acontece aos pouquinhos, nem dá para perceber. Mas a cada dia, você acorda melhor. Nunca curada, no entanto, melhor.

— E você, quando ele a deixou?

— Há uns dois anos. Vivíamos juntos por 5 anos. Um dia, ele me disse que sentia falta da paixão, que não aguentava mais aquela vida morna e sem graça ao meu lado.

— Ele me deixou por outra, mas, antes me disse que eu não o fazia mais feliz.

— Acho que é assim mesmo. Precisam de uma desculpa, para não se sentirem tão culpado, colocam a culpa na gente. Eu até entendo o que ele falou, essa falta da sensação da paixão, a carência de sentir o coração acelerando, do desejo incontrolável à flor da pele, aquela vontade de estar sempre junto do outro. É quase como uma droga, vicia.

— Não dá para viver apaixonado o tempo todo. É muito intenso. Morreríamos do coração ou enlouqueceríamos.

— Porém, faz a gente se sentir vivo, o coração acelerando e sangue circulando quente nas veias.

— Você se apaixonou depois que ele foi embora?

— Não. Bem que eu tentei, mas fiquei com medo de repetir a história e sofrer tudo outra vez.

— Será que era isso que ele queria? Paixão?

— Talvez. — Ela deu de ombros. — A paixão no início é muito boa, entorpece, no entanto, depois que acaba o efeito, se vê a realidade. Ninguém é perfeito.

— Seu ex-marido está com alguém? Ele encontrou a tal paixão?

— Não sei. Só soube que ele se casou de novo e tem um bebê de um ano, mas nunca mais nos falamos.

— Também, não quero nenhuma relação com o meu ex.

— É bom mesmo, senão ele pode ficar dependente. Você vira mãe dele, ou pior, o ombro amigo. — Ela mudou

para um tom mais leve. — Escuta! Eu tenho um grupo de amigas. Todas abandonaram ou foram abandonadas, algumas solteiras convictas. Quem sabe, um dia, você não queira sair conosco para dançar ou beber? Uma noite só de mulheres.

— Acho que ainda é muito cedo. No entanto, vou considerar a proposta, talvez, no momento certo...

— Não demore muito. Porque quanto mais rápido você colocar na cabeça que tudo acabou, mais rápido você se recupera.

— Prometo que eu vou pensar no assunto. Obrigada.



Deprimida

Logo que me separei, mergulhei em uma profunda depressão, não tinha vontade de fazer nada, queria apenas ficar trancada dentro de casa sem ver a luz do sol, lutava todas as manhãs para sair da cama e continuar a viver, pois ainda precisava pagar minhas contas, consequentemente, arrastava-me de dentro do meu casulo protetor para o cruel mundo real, que não tinha piedade da minha dor.

Às vezes, eu ficava com muita raiva dele, da outra, do Universo, pois como podiam ter feito isso comigo, tamanha traição, impunemente, então rogava-lhes as piores pragas, desejava-lhes todo mal, imaginava revanches atrozes, sem nenhuma culpa, pois a dor da perda não me permitia ser magnânima.

Naquela época, as dúvidas e incertezas me assolavam e preenchiam as minhas solitárias noites mal dormidas, fazendo-me companhia, rodopiando na minha cabeça como bailarinas em uma dança louca, sem sentido. Em sequência, uma a uma, elas se apresentavam girando e girando, enchendo-me de insegurança e mágoa.

“Vou ficar sozinha para sempre? Tenho medo da solidão”.

“Será que algum dia, eu vou ser feliz de novo?”

“Vou amar e ser amada outra vez?”

“Onde foi que eu errei para ele me abandonar?”

“Por que ele deixou de me amar?”

Ferozmente, luto para me convencer que é hora de seguir em frente, viver um dia depois do outro e esquecer, mas é tão difícil! Pois, basta um segundo de distração e a minha cabeça gira em pensamentos e perguntas, que me afligem e atormentam, aí volta a dor da traição, que rouba a pouca alegria conquistada a muito custo e mergulho em uma tristeza profunda.

Sei que preciso sobreviver à tormenta, a angústia do abandono. Mesmo sabendo ser quase impossível, devo parar de querer entender por que ele deixou de me amar e de quem é a culpa, pois há perguntas que nunca serão respondidas e tenho que aceitar isso.

Mesmo assim, quando abaixo a guarda, de novo, as torturantes dúvidas encham a minha cabeça, roubando a minha paz.

“Quando deixei de ser a mulher da vida dele e me tornei alguém tão desinteressante?”

“Em que momento, não era mais aquela que o enchia de tesão e passei a não ser ninguém importante, por quem ele não teve nenhuma consideração ou compaixão?”

“Para onde foram aqueles momentos de luxúria debaixo dos lençóis, no sofá, no chão, em qualquer lugar? Para onde foram os beijos apaixonados e selvagens, as carícias indecorosas, os momentos obscenos, o sexo urgente?”

“Para onde foi todo aquele amor? Em que momento o perdemos?”

Nas minhas horas de solidão, deitada na nossa cama, no nosso quarto, no escuro, afundada na desilusão e na dor,

olhando o vazio, passo e repasso a nossa vida juntos, querendo saber o que deu errado.

Tenho tempo para considerar e analisar, enquanto ele deve estar vivendo sua nova paixão, escrevendo outra história de amor, esquecendo-se de mim.

Pelo menos, espero que eu seja uma pequena e incômoda lembrança, que ainda o amofine, pois é melhor do que ser nada, totalmente esquecida e ignorada. Desejo que, algumas vezes, meu nome chegue à ponta da sua língua quando falar com ela e, que sem querer, deixe-o escapar igual a um passarinho fugitivo, que lhe evade entre os dedos. Anseio que se lembre de mim, no momento do sexo, no enlevo da paixão, quando escorregar suas mãos sobre o corpo da usurpadora, que me roubou você sem nenhuma consideração ou pudor. No entanto, não posso negar que você se deixou ser roubado com muita facilidade, foi sem resistência, sem luta, rendido incondicionalmente.

Minha irmã me liga, tenta me arrastar para fora de casa, convidando-me para ir ao cinema, ao shopping, para andar na rua, contudo, recuso, tenho receio de sair, eu não quero assistir a vida continuar à minha volta como se tudo estivesse bem, não quero encontrar com os casais de mãos dadas, as famílias felizes, os jovens apaixonados. Quero ficar escondida, aqui no nosso apartamento, que ainda guarda alguns resquícios da nossa vida em comum, momentos em que fomos muitos felizes e outros, nem tanto.

Em uma noite qualquer, o telefone toca, quando atendo a voz séria, fria e sem misericórdia, vai direto ao assunto; não posso acreditar que aquele era o homem que amei e que me amou.

— Preciso das minhas coisas. Quando eu posso ir aí pegá-las?

— Vou arrumar tudo e deixar na portaria – determino, com a voz dura.

— Como na portaria? Eu quero pegar o que é meu! – Rebelar-se.

— Eu vou deixar tudo o que é seu na portaria – falo, sem demonstrar emoção.

— Eu tenho as chaves, posso ir aí quando você não estiver – sugeriu, mais conciliador.

— Não pode. Troquei a fechadura – menti, mas farei isso em breve.

— É a sua última palavra?

— Sim, é.

Silêncio.

— É isso que eu dizia: Você se tornou uma pessoa amarga e rancorosa – rebate com sarcasmo.

— Cachorro! – Bati o telefone e cheia de determinação alimentada pela ira, fui até a área de serviço, peguei os maiores sacos de lixo que eu tinha, depois marchei para o nosso quarto, abri os armários e joguei tudo que encontrei dele lá dentro, sem o menor cuidado, as camisas, calças, sapatos, cuecas, livros, perfume, não queria deixar escapar nada, não queria mais nenhum sinal ou resquício daquele homem na minha casa ou na minha vida. Depois, dei um grande nó em cada saco, desci até a portaria.

Na entrada do prédio, o porteiro sonolento se distraía diante da pequena televisão em preto e branco, assistindo uma enfadonha partida de futebol. Larguei os sacos ao lado

dele e avisei que alguém passaria para pegá-los. Ele não perguntou nada, ao fitar a minha expressão desvairada, apenas assentiu com a cabeça. Naquele momento, senti-me vitoriosa, apesar de ser uma vitória fugaz e solitária.

Voltei para o apartamento e passei uma mensagem de texto, avisando que já estava tudo lá, na portaria, a espera dele. Por alguns segundos, uma felicidade maquiavélica tocou conta de mim, era a doce vingança. Porém, quando entrei no quarto e vi as portas do armário abertas, deixando exposto o vazio e as gavetas dele desnudas, foi como um punho apertando o meu coração, invadida por uma imensa saudade e frustração, pois eliminei as derradeiras provas da existência na minha vida do homem que amei. Pelo menos, os seus bens materiais, porque as lembranças da nossa vida em comum durariam muito mais, até se esvanecer nas brumas do tempo, entretanto, mesmo desbotadas sempre estariam lá, escondidas em algum lugar dentro de mim.

Quem sabe, não foi melhor assim? Fingir que ele nunca morou ali, naquele apartamento, um novo recomeço. Então, fechei as gavetas e as portas do armário.



Esperançosa

Definitivamente, eu não posso passar o resto da minha vida trancada dentro do meu mundo, sofrendo porque ele me abandonou, não mereço isso. Preciso continuar a tocar a vida. Não quero desperdiçar o resto da minha existência padecendo por um amor, que chegou a um fim tão desonroso. Já chorei o suficiente, por tantos dias e noites, até minhas lágrimas secarem. Por isso, vou remendar meu coração destruído com cuidado, para que fique o mais inteiro possível, no entanto, sei que jamais será o mesmo, nunca mais terá o frescor de um novo ou estará aberto a outros amores sem temores ou restrições. De agora em diante, meu coração será como um bichinho acuado que de tão maltratado, tem medo até de um afago.

Já se passaram quase dois meses que ele foi embora, nunca mais tive notícias e eu cumpri a pior parte no luto por esse finado amor. Arrumei a bagunça da minha vida o melhor que pude, desfiz-me da maior parte dos objetos que traziam a nossas lembranças. Tentei apagar os últimos sinais

de nossa vida em comum. Para mim, esse amor está morto e enterrado, apesar de não ser nada fácil, jogar uma pá de cal sobre sete anos de relacionamento e fingir que está tudo bem, porque eu sei que ainda não está, que ainda doe à beça. Só quem passou por isso sabe como é horrível ser largada e trocada por outra, sem aviso prévio. A traição acaba com sua autoestima, desmorona seu ego, você se sente um lixo.

Mas, juntei os meus pedacinhos, um a um, remendei meu coração com delicadeza, até ficar inteiro, porém, aquela beleza de um coração selvagem, novo e intacto acabou; ele ficará para sempre remendado, cheio de feias cicatrizes que jamais poderei esconder, por mais que tente. Mesmo assim, pretendo perder o medo e me aventurar, tomar novos rumos, sair do casulo, pois, por que eu deveria ser punida e me esquecer de viver, se não fiz nada de errado? Só precisarei de um pouco de coragem, por isso, procurei a minha colega no trabalho.

— Sobre aquela proposta de sairmos juntas com suas amigas, qualquer noite dessas, ainda está valendo?

— Claro! A gente sai quase todos os fins de semanas.

— Então, eu gostaria de sair com vocês, alguma noite, para me divertir um pouco.

— Se você acha que já está pronta para enfrentar o mundo de peito aberto... — Ela me encarou, desconfiada.

— Sim, eu estou pronta — afirmei, sem ter tanta certeza.

Devo admitir, que estou com um certo receio de começar tudo outra vez. Talvez, por pura falta de prática, já que estava tão acostumada a nosso pacato e cotidiano relacionamento. Não pensava mais nesse jogo de sedução, dos subterfúgios do encantamento e nem sei por onde começar. Vou

ter que reaprender todas as sutilezas e nuances da conquista, reconhecer os sinais da atração. Saber quem são os jogadores e as regras do jogo, quase igual a um jogo de pôquer ou uma partida de xadrez. O jogo da conquista dá trabalho, tem que se ficar muito atenta aos movimentos do outro.

Porém, por outro lado, poderia ir pelo caminho mais fácil e seguro, recolhendo-me ao meu mundo, ficar sozinha, achando que sou feliz comigo mesma, virar uma celibatária. Uma dessas mulheres autoconfiantes que se bastam e não precisam de mais ninguém, que vivem sós, vão ao cinema ou viajam desacompanhadas, por quem tenho muita admiração. Entretanto, com certeza, eu não sou uma delas, quero amar de novo, sentir o calor e o frenesi da paixão sacudindo o meu corpo, mesmo que eu tenha medo de recomeçar e do risco de sofrer novamente. Mas, eu amo o amor, gosto de estar com alguém e de ser amada. Estou cheia de esperança. Então, preciso me preparar para ir à luta.



Feia

Nossa! Como eu estou horrorosa! Muito feia mesmo! Tenho que admitir a dura realidade ao admirar-me no espelho, não me reconhecendo, enquanto me preparava para sair.

Constato como estou pálida, gorda, minhas coxas estão enormes e flácidas, minha pele sem viço e meu cabelo está horrível, sem jeito, igual à palha, tenho escuras olheiras sob os olhos me dando um ar cadavérico. Aponto meus defeitos, um a um, sem dó, sou uma observadora implacável e impiedosa.

Experimento uma roupa depois da outra, avalio com atenção minha imagem no espelho e decido que ficou horrível, sobressaltando os meus vários defeitos, o quadril largo, a cintura grossa... Livro-me dela jogando-a de lado e pego outra e mais outra. O ritual se repete até que uma grande pilha de roupas rejeitadas se forma em cima da minha cama, meu armário vai ficando vazio, não encontro solução. Nenhuma das minhas roupas fica boa em mim, nada me agrada ou veste

bem, não me sinto bonita. Acho melhor ficar em casa, não sair nunca mais. Não quero mostrar para todos essa terrível aberração que me tornei. Não estou pronta para me expor desse jeito, tenho medo de enfrentar o mundo, ainda mais sozinha, pois antes de ele ir embora, mesmo sem a sua presença física, eu o levava comigo, era uma parte de mim. Eu era uma mulher comprometida, tinha alguém me esperando em algum lugar, um companheiro, que julgava me amar. Essa ideia me dava segurança, podia entrar e sair de qualquer local, pois, realmente, no fundo da minha alma, não me sentia sozinha.

Então, mesmo sem querer, estou, outra vez, tentando entender o que deu errado para nós dois. Ainda não consegui compreender, mas minto para mim mesma, dizendo que não me importo, que não preciso saber, porém, nas horas de solidão, a cabeça divaga procurando, desesperadamente, uma simples resposta.

— Olhe essas roupas! Todas ultrapassadas e sem graça, nada fica bom! — reclamei para a minha imagem no espelho.

Percebo como eu me esqueci de mim, acomodada na segurança do nosso relacionamento.

Agora, sei porque ele me deixou, eu me descuidei nesses últimos tempos, virei um monstro disforme, uma mulher velha e feia de coxas flácidas e quadril largo.

Se bem que ele não é tão grande coisa assim. Também não melhorou com o tempo, acomodado na nossa vidinha comum. A gente engordou junto, ao longo desses anos, com toda aquela pizza que comíamos no sábado à noite, diante da TV, além dos sorvetes e a pipoca. Tinha ainda a comida do restaurante italiano da esquina, que fazia entrega nos dias de

preguiça. As tardes ociosas de domingo aninhados, no aconchego do sofá, com nossas pernas entrecruzadas, enquanto assistíamos filmes, escutávamos música ou, simplesmente, não fazíamos nada.

Recordo-me como, de repente, ele mudou, começou a se exercitar, comprou roupas novas, cuidava da aparência, tentando parecer mais bonito, querendo mostrar o melhor de si. Ficava mais tempo fora de casa, voltando só pela metade, deixando a sua melhor parte por lá, com a outra, trazendo para mim só mau humor e a indiferença. E eu, na minha cegueira inocente, não notei os sinais da sua nova paixão e do iminente adeus. Agora, vejo que ele já havia me deixado muito antes de sair de casa.

Fico imaginando se ele está vivendo, novamente, tudo aquilo que o amor tem de melhor, aquela vontade de ficar junto, de beijar na boca, de se abraçar no sofá assistindo um filme na televisão. Aquele desejo indomável que fazia a gente transar em qualquer lugar, a qualquer hora, bastava um toquezinho e nos enchíamos de tesão e rolávamos no chão, tirando a roupa um do outro. Com o tempo, isso foi desaparecendo, bem devagarzinho, que mal percebemos. E, ultimamente, à noite, deitávamos na cama, cada um com sua distração, um livro, o telefone, o computador, mal olhávamos para o lado. Até um rápido boa noite, um casto beijo, o apagar das luzes e o sono.

Eu, também, quero de novo esse desejo, ter aquela sensação de urgência de volta, aquele fogo ardendo no peito e no ventre, a ansiedade dos apaixonados, a vontade de ficar junto, o tesão. Quero o torpor insensato da paixão. Quero

me sentir desejada e desejar com vontade, por isso, tenho que encarar o mundo de peito aberto e cabeça erguida, mas, antes, preciso vencer os meus medos e inseguranças, assim tento me convencer a fazer o melhor que eu consigo, querer ficar mais bonita e confiante, seguir em frente, estar pronta para enfrentar a vida e o que ela trazer.



Gulosa

Logo depois que fui abandonada, veio fase do choque e da apatia, quando não conseguia comer nada, era como se houvesse um nó na minha garganta, uma pedra no meu estômago, tudo havia perdido o sabor e a cor, nada me agradava, emagreci muito, fiquei macilenta e acabada.

Carente, sentia-me só e deprimida, a última das mulheres, aquela que foi esquecida, deixada para trás. Foi então que eu encontrei o meu melhor aliado para essa hora de tristeza e depressão: o chocolate.

Segundo os cientistas, o chocolate ajuda o corpo a liberar substâncias como endorfina e serotonina, que nos dão a sensação de prazer e calma e aumenta a felicidade. Ou seja, o chocolate é o amor em pedaços, a sedução em tablete, o prazer que você pode comprar em qualquer esquina. Ao descobrir essa sensação mágica, fiquei completamente viciada, uma verdadeira chocólatra, na tentativa de suprir minha carência e solidão.

Falta de amor pode deixar uma mulher esfomeada, e comecei a preencher o vazio do meu coração, enchendo o meu estômago.

Assim, passava minhas noites solitárias diante da televisão, assistindo filmes de amor com finais infelizes ou ouvindo músicas romanticamente tristes ou, pior, olhando as fotografias que registravam os nossos momentos felizes, juntos. Enquanto, chorava e devorava caixas de bombons, trufas, sorvete ou qualquer coisa feita de chocolate, me perguntando porque tudo deu errado.

A simples posse de uma barrinha dessa resistível guloseima nas minhas mãos já fazia o meu coração se acelerar de alegria. A extrema felicidade de rasgar o papel, revelando aquela maravilhosa dádiva dos deuses maias e meter meus dentes nela, sentindo-a quebrar com um suculento estalo. De imediato, apreciar a deliciosa sensação daquele pedacinho do paraíso se dissolvendo, lentamente, na minha boca e o extraordinário êxtase das minhas papilas gustativas se espalhando por todo o meu corpo, percebendo meus músculos tensos se afrouxarem, tornando-se lânguidos por puro prazer.

Consequentemente, eu não podia viver sem ele, sempre precisava ter uma barra de chocolate junto a mim, na minha gaveta no trabalho, na minha bolsa, no meu armário, senão não tinha sossego, ficava agitada e nervosa, sofria um verdadeiro ataque de pânico.

Como uma verdadeira viciada, cheguei ao cúmulo de sair no começo da madrugada, quando eu me dei conta que havia comido a última barra de chocolate que guardava em casa, então bateu um desespero, uma ansiedade que mal me dei-

xava respirar. Imaginando como poderia sobreviver até o dia seguinte sem meu amado chocolate, aquilo era inviável para mim, não conseguiria dormir. Por isso, tomei uma decisão radical, troquei de roupa, entrei no carro e saí pelas ruas escuras, procurando um supermercado, uma loja de conveniência em posto de gasolina ou algo parecido, que estivesse aberto àquela hora da noite, pois precisava urgente do meu precioso. Felizmente, para minha sanidade mental, encontrei uma daquelas lojinhas em posto de gasolina que ficam abertas 24 horas. Entrei correndo, devia estar com uma cara de doida, pois o atendente me fitou com os olhos esbugalhados, amedrontado com minha aparição repentina àquela hora da noite.

— Chocolate! — Foi a única palavra que disse e o rapaz, sem falar nada, continuando a me encarar com certo receio; apontou para a direção da caixa registradora, onde os meus queridos objetos de desejo estavam dispostos. Peguei tudo que pude, feliz e aliviada, paguei apressada e saí de lá, extasiada, devorando a minha amada guloseima, experimentando seu cheiro penetrando pelas minhas narinas e meu corpo inteiro relaxar em êxtase.

Entretanto, toda essa felicidade me custou caro. Percebi o preço quando não conseguia mais fechar minhas roupas e entrar nas minhas calças, tudo ficou apertado, porque engordei terríveis cinco quilos. Tive que comprar roupas novas, mas não me desfiz das minhas antigas, jurando que voltaria a entrar nelas em breve, contudo, jamais cumpri essa promessa.

Quando constatei esse fato, entrei em pânico, porque abandonada e gorda era demais para mim. Então, tive que

considerar trocar meu adorado chocolate por um prosaico medicamento antidepressivo, a felicidade em pílulas. Porém, nunca foi a mesma coisa, aquele inesquecível encanto que começava na boca e se espalhava por todo meu corpo. Por esse motivo, algumas vezes, na calada da noite, entrego-me ao meu prazer solitário, quando, bem devagarzinho, desembulho uma barrinha de chocolate e meto meus dentes ávidos nela, ouvindo o seu estalar quebrando na minha boca e me enchendo de leite.



Hipocondríaca

Em certo momento da minha história, surgiu uma mórbida sensação, um estranho receio que poderia morrer sozinha e abandonada, no meu apartamento, e que ninguém perceberia a minha ausência por vários dias. Só descobririam o meu corpo em avançado estado de decomposição, quando começasse a cheirar muito mal. Os vizinhos chamariam os bombeiros, que arrombariam a porta para encontrar meu cadáver apodrecido caído no chão ou deitado na cama.

Comentariam, com piedade, diante daquela cena dantesca:

“Coitada, não tinha ninguém, era sozinha. Seu companheiro a abandonou por ela ter se tornado uma pessoa amarga e triste”.

Pensei até em arranjar um cachorro ou um gato para me fazer companhia, compartilhando minha solidão, porém, desisti dessa ideia, pois não queria dividir o peso da minha tristeza com o pobre bichinho.

O clímax dessa situação aconteceu em uma noite, quando pensava exatamente na possibilidade de morrer ali, no

meu apartamento, sozinha, quando comecei a sentir fortes dores no peito e uma queimação que me impedia de respirar, tive palpitações cardíacas, minhas mãos ficaram frias e úmidas, meus olhos turvos.

Liguei para minha irmã.

— Estou morrendo! — afirmei, apavorada, assim que ela atendeu.

— Calma! O que está acontecendo?

— Não consigo respirar! Estou com palpitações! Acho que estou tendo infarto!

— Não é possível! Você é muito jovem!

— Não, eu já li sobre isso na internet. A síndrome do coração partido. Pessoas jovens que enfartam sem nenhum motivo aparente, depois de uma grande perda.

— Já chamou uma ambulância? — Ela não acreditou em mim.

— Não vai dá tempo. Vou pegar um táxi e ir direto para o pronto-socorro mais próximo.

— Eu encontro você lá — disse, mesmo ainda não convencida.

Saí de casa correndo, fui para o meio da rua, parei um táxi e entrei, transtornada.

— Moço, depressa! Para o hospital mais próximo, porque estou enfartando!

Pelo espelho retrovisor, vi os olhos do motorista se arregalarem, assustado. Ele dirigiu como um louco pelas ruas congestionadas, parando na frente do hospital em fila dupla.

— Quer que eu vá com você? — o motorista perguntou, aflito.

— Não precisa – respondi, pagando a corrida e saindo do carro, quase sem fôlego.

Parei diante do balcão de atendimento, furando a fila.

— Moça, acho que estou enfartando — Ofegante, com a mão no peito, informei a recepcionista.

A moça me olhou, alarmada. Depois, os fatos se desenrolaram rapidamente; em uma cadeira de roda, fui transportada para uma maca em um box cercado por divisórias, afrouxaram minha roupa, um médico apareceu com um ar preocupado e me fez uma série de perguntas, auscultou meu coração, sentiu o meu pulso, mandou fazer um eletrocardiograma e verificar minha pressão. Alguém tirou uma amostra do meu sangue. Deixaram-me sozinha, fechei os olhos, imaginando por quanto tempo ficaria internada naquele hospital. Talvez, precisasse de uma cirurgia cardíaca. Meu peito seria aberto, meu coração exposto apresentaria uma enorme ferida ainda sangrando.

— Isso é típico – diria o cirurgião, com ar solene. — Um coração partido.

— Ela foi abandonada pelo companheiro – informaria a enfermeira, lendo a minha ficha, e eles me olhariam cheio de compaixão, por ter sido condenada a esse mal sem cura.

Quando abri os olhos novamente, de volta ao presente, no box do pronto-socorro, o médico estava parado ao meu lado, com os meus exames na mão.

— O seu eletrocardiograma está normal, assim como suas enzimas. Você não está tendo um infarto – afirmou, com segurança.

— Como não estou enfartando?! E a falta de ar?! As palpitações?! — Não conseguia compreender.

— Ao que parece, você teve um ataque de pânico.

— Um ataque pânico? — indaguei, incrédula. — Não pode ser!

— Pode. Muitos pacientes confundem um ataque de pânico com um infarto. Você está passando por alguma situação estressante na sua vida?

— Para falar a verdade, eu acabei de me separar.

— Ah! Isso é muito comum — disse com ar de sabedoria. — Mas, você deve pensar que a vida continua e que poderá encontrar um novo amor.

— Como você pode saber disso?

— Porque eu também me separei.

— E já encontrou um novo amor? — Fiquei curiosa.

— Para ser sincero, ainda não. Mas, tenho esperança. Tome! — Ele me entregou um papel. Olhei desconfiada, quem sabe, esperando pelo número de telefone dele. — É a receita de um ansiolítico leve, vai ajudá-la, por enquanto. Também, acho que seria bom você procurar aconselhamento profissional, como um psicanalista ou psicólogo. Ajuda muito.

— É? — perguntei, cheia de dúvidas.

Ele assentiu com a cabeça.

— Foi o que eu fiz.



Informada

Quando saí do pronto-socorro, minha irmã me esperava, aflita, na recepção, e correu na minha direção.
— Como você está?

— Segundo o médico, só foi um ataque de pânico. Ele me sugeriu procurar ajuda profissional – expliquei, ainda sem muita certeza do diagnóstico, enquanto assinava os papéis da minha alta.

— Acho que ele tem razão, você anda muito ansiosa, estressada, ultimamente. Precisa procurar ajuda para sair desse estado, não dá para viver assim. Vamos! Eu levo você para casa. Podemos conversar no carro.

— Eu acho que vou morrer sozinha, naquele apartamento, sem que ninguém sinta minha falta – confessei, já dentro do carro indo para minha casa.

— Não seja boba, muita gente iria sentir sua falta, porque a ama. Só que você se isolou, afastou-se dos seus amigos.

— Eles não eram só os meus amigos, eram os nossos amigos.

— Não é nenhuma vergonha se separar, simplesmente, acontece. Entendo que ainda esteja muito perturbada com tudo que se passou, mas vai superar com o tempo – profetizou.

Mas, por quanto tempo ainda teria que esperar por essa superação? Minhas forças estavam se esgotando.

— O problema é quanto tempo vai levar isso. A cada dia, eu tenho mais consciência da minha solidão e isso não melhora em nada a minha vida. Só em pensar que ele está feliz, vivendo um romance ao lado do seu novo amor, enquanto eu estou aqui, abandonada e sozinha, me deixa aflita e infeliz.

— Esqueça-se dele, vire a página, viva a sua vida! Sabe o que eu acho, que você precisa conhecer algumas pessoas com histórias parecidas com a sua. Saber como elas fizeram para superar isso e como estão agora.

— Mas como? Algum grupo de autoajuda? Tipo os AA, os abandonados anônimos.

— Quem sabe? Hoje em dia tem de tudo – ela respondeu, dando de ombros. — Eu tenho uma amiga que conheceu o namorado em uma sala de bate-papo na internet, os dois eram separados, estão juntos e felizes agora.

— Você está me propondo para procurar alguém pela internet?

— Não procurar alguém, mas conhecer pessoas que tiveram histórias semelhantes à sua, assim você vai saber que não foi a única pessoa que já passou por esse tipo de situação. E, quem sabe, de repente, pode até conhecer alguém interessante, mesmo que seja só para conversar.

— Acho que não é uma boa ideia. Pode acabar mal – retruquei, em dúvida.

No dia seguinte, no trabalho, pensei muito sobre aquela ideia maluca de minha irmã. Imaginei se haveria algum site especializado em pessoas separadas como eu. Sendo assim, quando cheguei em casa, fui direto para o meu computador, pelo menos, ajudaria preencher minha noite solitária. Digitei em um site de pesquisa: mulheres separadas. E para o meu total espanto, lá estavam milhares de opções, de todos os tipos como cartas relatos de casos de separações, 12 passos para superar a separação, dicas para como entrar novamente no mercado e, principalmente, muitos sites de encontros. Nesse caso, existem de tudo para todos, pessoas com mais de 40 anos, pessoas com filhos, para relacionamentos sérios ou só fugazes e muitas outras opções, algumas que nunca imaginaria.

Não tinha ideia que houvesse tanta gente sozinha procurando alguém. E como era difícil encontrar outra pessoa que, também, esteja querendo o mesmo, por isso, tantos subterfúgios e recursos

Diante das inúmeras opções, fiquei completamente perdida, não sabia qual era o meu tipo preferido ou o que desejava em um relacionamento. Definitivamente, não sei o que eu quero agora. Não estou pronta para uma relação séria, muito menos, uma fugaz ou erótica. Ainda acho que é muito cedo, para ter uma fórmula. Talvez, esse seja o maior problema dos relacionamentos: ter uma fórmula, ideias pré-concebidas, querer que o outro se encaixe perfeitamente nela, como um molde, quando isso não acontece, vem a desilusão, porque não vemos o que o outro tem de melhor, já que não estava na nossa receita.

Naveguei por algum tempo, ainda em dúvida de expor os meus sentimentos a completos estranhos, não estava preparada para esse passo.

Percebi que encontrar um par pela internet não é para mim, já que não tenho uma fórmula e nem ideia de como seria o meu ideal. Também, não sei se quero ser o par ideal de alguém, seria muita responsabilidade, tentar me encaixar em um modelo. Eu só quero ser eu mesma, com minhas qualidades e meus defeitos, que não precisam ser listados e colocados em julgamento, o que desejo é encontrar uma pessoa que os aceitem e entendam, assim como faria com os dele. Então, desliguei meu computador e fui tomar banho.



Jovem

Enfim, saí com o grupo de amigas da minha colega de trabalho, em um sábado à noite, sem a mínima expectativa ou esperança. Era quase um teste de como eu me sentiria no meio de outras pessoas estranhas, de volta àquele descompromissado mundo de solteiros em busca de companhia para se divertir.

Naquele barzinho cheio e barulhento, o grupo de mulheres com quem me juntei, me recebeu com simpatia e solidariedade, já que todas haviam sido abandonadas ou abandonaram alguém em algum momento das suas vidas, por isso nos identificamos de cara. Sentei-me ao lado de uma mulher morena e bonita, um pouco mais velha do que eu.

— Você se separou há pouco tempo? — ela me perguntou à queima-roupa, assim que me instalei na cadeira.

— Sim — respondi, admirada com a sua maneira tão direta.

— É a primeira vez que sai sozinha? — quis saber e eu sacudi a cabeça afirmativamente. — É estranho da primeira

vez, é como se faltasse um pedaço da gente, mas, depois você se acostuma e, com o tempo, até esquece que já viveu com alguém.

— Foi assim com você?

— Foi – respondeu, mas não senti muita convicção naquela resposta.

— E demorou quanto tempo para você se esquecer do seu ex?

— Sei lá! Quem é que conta? – Deu de ombros. — Mas se esqueça disso agora e apenas aproveite a noite.

E a noite prosseguiu com a conversa fluindo fácil, girando em torno de fracassados relacionamentos passados e dos nossos ex, entremeados de tiradas picantes e observações maliciosas sobre alguns frequentadores do lugar. Devo admitir que aquele papo, apesar de divertido e irônico, temperado com uma pitada de humor negro, estava me incomodando um pouco, sentia-me um tanto desconfortável, pois tudo era muito recente para mim, a ferida não estava totalmente cicatrizada, ainda era muito cedo para achar graça daquela situação. Durante o resto da noite, os copos jamais ficaram vazios, criando um clima de ilusória alegria. A certa altura, queria fugir um pouco dali, pedi licença para ir ao banheiro e demorei o máximo de tempo que pude, meio tonta, porque há muito tempo não bebia tanto, na tentativa inútil de me sentir melhor.

Foi quando retornava à nossa mesa, ocorreu a grande surpresa da noite.

— Posso falar com você? – um rapaz jovem e bem bonito me perguntou, olhei para os lados, achando que ele de-

veria estar falando com outra pessoa, no entanto, não havia ninguém mais ali.

— Pode – respondi um tanto reticente, sem imaginar o que viria.

— É que fiquei observando você à noite toda, esperando a oportunidade para conversamos sozinhos – ele explicou com um belo sorriso, um tanto tímido. — É que eu gostei do seu jeito.

— Do meu jeito? Jura?! – Ainda não podia acreditar naquela afirmação.

— Você nunca veio aqui, não é?

— Não.

— Podemos conversar? – insistiu, com sorriso travesso, e eu assenti com a cabeça, curiosa.

Aí, fomos para um canto mais reservado e começamos a falar, ou melhor, ele começou a falar, me contou que era universitário, que frequentava o lugar com os amigos, e que gostava dali porque sempre conhecia alguém interessante, eu estava achando aquilo muito estranho e, ao mesmo tempo, intrigante e excitante.

Eu nem sei como aconteceu, então, de repente, ele me beijou. Foi um beijo de levinho, um teste, mesmo surpresa, permiti. Reconheço que achei um pouco esquisito, mas gostei, ajudou a levantar minha autoestima, pois não beijava outro homem há um tempão, ainda mais, jovem e bonito. E daí adiante, os beijos foram ficando mais intensos e quentes e as mãos inquietas, mais atrevidas e provocantes.

— Vamos com calma! – pedi, quase sem fôlego, afastando-o com suavidade, imaginando o que as minhas mais recentes colegas de bar iriam pensar de mim.

Ele me deu um sorriso, achando que era alguma espécie de joguinho da minha parte. Era um daquele sorriso torto e malicioso, aí eu pensei: *“Que se dane!”* Puxei-o de volta para mim e continuamos a nos beijar. Aquilo era melhor do que chocolate.

Então, veio a proposta dele:

— Vamos para um lugar mais tranquilo?

Considerando que uma mistura de serotonina, endorfina, cerveja e carência não faz sua cabeça funcionar muito bem, concordei. Voltei à mesa para pegar minha bolsa, deixei dinheiro para a conta, enquanto, as outras me olhavam com um misto de inveja e espanto, despedindo-me, meio constrangida.

— Isso é bom, assim você quebra logo o encanto — minha vizinha de cadeira cochichou no meu ouvido, e me deu um sorriso de cumplicidade. Devolvi-lhe um sorriso sem graça, antes de sair para a rua, com meu recente e jovem amigo.



Louca

No táxi, a caminho do meu apartamento, não parávamos de nos beijar e abraçar, como há muito tempo não fazia. Só me lembro de abrir a porta e deixá-lo entrar, pensando que estava totalmente louca por convidar um completo desconhecido. Naquele momento, estava preste a começar um discurso, declarando que não tinha esse hábito de trazer um homem estranho para minha casa, quando ele me agarrou e me calou com um beijo intenso e quente, demonstrando que não estava nem um pouco interessado nas minhas declarações puritanas. Suas mãos incapazes de ficar paradas, começaram a tirar as minhas roupas, sem nenhum constrangimento.

No meu subconsciente, ouço a voz da minha mãe me dizendo que boas garotas não fazem isso, não transam com caras que conheceram em um bar, mas eu a empurro para o fundo da minha cabeça, naquele cantinho da nossa mente, onde colocamos o que queremos esquecer, não pretendia ser uma boa garota agora. Pensava que como eu estou aqui

mesmo, por que não aproveitar? Sou uma mulher separada, sozinha, sem compromisso... e carente. Estou com esse cara lindo, gostoso e cheio de tesão por mim, por que não poderia me divertir um pouco?

Então, eu fiz só porque quis fazer, mesmo morrendo de medo do desconhecido, igual a saltar de paraquedas, um passo no vazio, seguido da sensação de voar livremente, não querendo pensar no chão duro lá embaixo, ou melhor, no dia seguinte.

Apesar de me sentir nervosa e constrangida por ficar nua na frente de um total estranho, pois não estava tão segura assim do meu corpo, depois de tantos anos tirando a roupa para um único homem, além de ideia de fazer sexo com outro amante ser um tanto bizarra e apavorante para mim.

No entanto, percebi que ele não estava nem aí para meus pneuzinhos, minhas coxas um tanto flácidas e celulite, assim foi ficando mais fácil, enquanto ele tirava minha roupa, sem nenhum pudor, me apalpava, me mordida, me beijava e me jogava no sofá. Não havia sentimentos mais profundos e nobres, somente o simples desejo e uma prazerosa conjunção carnal, sem nenhum possível futuro.

O desempenho afoito e descuidado da urgência do desejo teve a desculpa da sua juventude, porém era compensado por toda aquela energia inesgotável. Mesmo tendo que admitir que, no começo, foi estranho ter outro homem dentro de mim e me tocando com tamanha intimidade, depois de ter passado tanto tempo em um relacionamento monogâmico. Entretanto, não foi ruim, posso até dizer, que foi bom e revelador, marcou uma nova etapa na minha vida, uma espécie de libertação de antigas ideias.

No calor da luxúria, logo parei de pensar, mais ocupada em aproveitar aquela ocasião e todo o prazer que me proporcionava. E quando imaginava que havia acabado, lá vinha ele de novo, renovado e estimulado. Na madrugada, fizemos um turno pelo meu apartamento: sala, banheiro, cozinha até acabar no quarto. Tirei o atraso de vários meses. Ainda bem que ele tinha um bom estoque de camisinhas. E, finalmente, ele se deu por vencido pelo cansaço.

— Gata, você é demais! — murmurou, antes de cair em um sono profundo na minha cama.

Sem ter outra opção, adormeci ao seu lado, exausta.

Pela manhã, acordei louca de vontade de ir ao banheiro e toda dolorida, pois não estava acostumada a esse tipo de maratona sexual. Surpreendentemente, senti-me um tanto vazia, sem nenhum sentimento definido. Era como se a noite passada fosse apenas um sonho excêntrico, algo que não aconteceu comigo. O outro lado da minha cama estava vazio, desejava muito que ele tivesse indo embora.

Gemendo pelos meus músculos travados e doloridos, devido a tudo que fizemos na noite anterior, me arrastei até o banheiro, fiz o que tinha que fazer, coloquei minha velha camisola, que estava ali a mão, e fui para a cozinha. Lá encontrei meu convidado, bebendo um copo de leite e ainda pelado, me assustei com aquela visão inusitada, apesar de toda intimidade da noite anterior. Passei a mão no cabelo, na tentativa inútil de arrumá-lo e melhorar a minha aparência. Ele me deu um sorriso, iluminando o seu belo rosto, e eu com aquela cara amarrotada de quem acabou de acordar.

— Bom dia, gata! — Desconfiei que ele não se lembrava mais do meu nome.

— Bom dia – retribui, sem tanto entusiasmo, imaginado por quanto tempo mais ele ficaria por aqui.

— Estava esperando você acordar para ir embora – comunicou para o meu alívio e tomou, de um único gole, o resto do leite. – Vou me arrumar.

Enquanto ele saía da cozinha, preparei meu café na cafeteira.

No instante, que me sentei à mesa, com minha reconfortante xícara de café nas mãos, ele retornou pronto, havia tomado banho, os cabelos estavam molhados.

— Já vou, gata! – Levantei e o acompanhei até a porta, pensei em que dizer nessa hora. — Você é muito gostosa! – falou, dando um rápido beijo na boca.

— Você também – Foi a única coisa que me veio à cabeça naquele momento.

— A gente se vê por aí.

— É, a gente se vê – repeti, automaticamente, achando pouco provável.

E quando ele entrou no elevador, fechei a porta e voltei para o meu café.

Nunca mais nos vimos.



Medrosa

Mais tarde, já sozinha no meu apartamento, o telefone toca.

— E aí, como foi a noite de ontem? — minha amiga do trabalho, com quem saí na noite anterior, indaga em um tom divertido.

— Boa — digo, um tanto envergonhada e confusa. — Não estou acostumada a fazer esse tipo de coisa — confesso, me desculpando.

— O quê? Sair com um cara bonito. E daí? Ninguém está julgando ou tem o direito de julgar você.

— Eu sei disso, mas é estranho. Não quero pense que sou esse tipo de mulher.

— Que tipo de mulher? — Pressinto um sorriso na sua voz. — A que leva um garoto bonito e gostoso para cama? Acho que o único sentimento que podíamos ter em relação a isso seria inveja.

— Inveja? — Estou pasma.

— Sim, inveja. Lembre-se que, atualmente, você é uma mulher livre e independente, não tem que dar explicações

para ninguém, só precisa ter cuidado para não se envolver com nenhum canalha, porque ainda está muito vulnerável, fica fácil se apegar – ela me aconselhou e eu me senti grata com isso.

— Eu estou bem – falo uma meia verdade.

— Ótimo!

Silêncio

— Eu tenho medo – revelo. — Medo de sofrer outra vez ou de ficar sozinha.

— Todas nós temos medo, mas não temos escolha, amar dá trabalho. Você nunca vai encontrar alguém se não se arriscar.

No tempo que se seguiu, durante minhas longas noites esperando o sono ou a luz do dia chegar, vagando pela casa como um corpo sem alma, me deparei com essa nova ideia, que me deixava muito assustada. Na verdade, ficava apavorada, quando meus incontrolláveis pensamentos voavam para o tenebroso futuro, que a vida poderia me reservar. Que o medo da solidão me transformasse em uma dessas mulheres desesperadas, que frequentam barzinho a procura de homens para transar por uma noite e suprir suas carências afetivas e carnis. Ou, por outro lado, poderia me tornar uma solteirona celibatária, solitária, criadora de gatos, chata, rabugenta e dona da verdade, de quem todos fugiriam.

Definitivamente, não é isso que quero para mim, não quero a emoção barata de um único encontro e nada mais. Embora, não possa negar que a outra noite, com o meu jovem amigo foi, além de muito agradável e prazerosa, estranhamente reveladora, fez-me conhecer novas possibilidades,

redescobri a mulher sensual, pronta para explorar novos horizontes e limites, que há tempo, estava muito adormecida dentro de mim. Ajudou a livrar-me do receio de estar com outro homem, mas, definitivamente, não é esse tipo de relação que eu desejo. Espero algo maior e mais intenso, alguém que me complete, mas preciso admitir que isso me amedronta, não quero sofrer mais.

Foi nessa época, em uma certa noite, que minha irmã me ligou e tivemos uma corriqueira e rápida conversa sobre assuntos banais e cotidianos, até ela disparar, eufórica:

— Acho que tenho a pessoa perfeita para você?

— O quê? — Fingi-me de desentendida.

— Isso mesmo que você ouviu, tenho um homem certo para você.

— Como assim? Um homem certo para mim?

— Um amigo nosso que acabou de retornar ao país. Ele morou lá fora, por anos, trabalhando. E o melhor de tudo é que, além de ele ser muito legal e inteligente, é divorciado, sem filhos e tem um bom emprego. Um verdadeiro prêmio!

— Espera aí! Você está querendo me arranjar um encontro às cegas? — questionei, incrédula.

— Sim, eu quero, mas só porque acho que vocês combinariam.

— De jeito nenhum! Não estou interessada em nenhum encontro às cegas. Não estou tão desesperada assim.

— Não é desespero. Só achei que seria uma boa companhia para você, ele é uma pessoa muito agradável, além de ser um bom partido.

— Se ele é tão bom assim, por que ainda está sozinho?

— Ele é um pouco tímido, não conhece muitas pessoas por aqui e ainda não encontrou a garota certa.

— Ou, quem sabe, tem algum tipo de distúrbio de mental ou uma estranha tara secreta – cogitei, com sarcasmo. — Lamento, mas não estou interessada.

— Você é quem sabe – ela disse, conformada. — É uma pena, porque tenho certeza, que ele não ficará disponível por muito tempo. Alguma garota esperta vai agarrá-lo logo, logo.

— Boa sorte para ela – finalizei com ironia.

Porém, sabia que ela tinha razão, homens solteiros são uma raridade no mercado, principalmente, os bons e aqueles que querem algum tipo de compromisso sério. Então, imaginei que deveria ter algo errado com esse tal amigo por ainda estar sozinho. Dei de ombros e deixei para lá.



Normal

Já se passaram cerca de seis meses que ele havia me deixado, eu me sentia quase normal outra vez. Não chorava durante os filmes românticos... a não ser naqueles com finais bem tristes e, tenho que admitir, em alguns felizes também. Consequia escutar Adele sem me desmanchar em lágrimas, ao menos, algumas músicas dela. Nem sentia um nó na garganta quando via os casais amorosos pelas ruas, abraçados ou de mãos dadas.

Então, resolvi fazer um teste comigo mesma, queria experimentar a minha reação emocional, mesmo parecendo loucura, precisava descobrir se conseguiria enfrentar as dores do mundo de peito aberto, mais uma vez. Para esse meu teste, escolhi um filme iraniano sobre uma mulher que precisa cuidar dos filhos e do marido tetraplégico, no meio de uma guerra cruel. Seria uma verdadeira prova de fogo. Tentei convidar alguém para ir comigo, como a minha irmã ou alguma amiga, mas quando eu lhes contava o enredo do filme, elas vinham com as desculpas mais improváveis possíveis, uma tinha que

arrumar as gavetas do armário, a outra assistir o capítulo imperdível da novela, só minha irmã foi totalmente sincera.

— Você quer me arrastar para o cinema para ver um monte de desgraça? Nem pensar!

Sem alternativa, eu resolvi ir ao cinema, sozinha, o que seria mais uma prova para mim, pois nunca gostei de fazer esse tipo de programa desacompanhada. Esperava que aquela sessão de quinta-feira à noite não tivesse muito público, porque se eu caísse no choro compulsivo, teria poucas testemunhas. Assim, munida de toda a minha coragem e uma caixa de lenços de papel, fui a um daqueles cinemas pequenos que exibem filmes alternativos e cult.

Como previ, só havia meia dúzia de pessoas com ares de intelectuais revolucionários. Esperávamos a sessão anterior acabar, no saguão do cinema, quando percebi um homem me olhando com atenção e curiosidade. Ele era alto e magro, não exatamente bonito, mas tinha uma certa elegância, os óculos caíam bem no seu semblante sério e, como eu, também, estava sozinho, consequentemente, não podia me considerar assim tão esquisita.

Será que ele estava interessado por mim? Imaginei, quando percebi o seu olhar na minha direção, mesmo que tentasse disfarçar. Fiquei surpresa, pois, isso nunca me aconteceu antes, de ser abordada na rua ou em qualquer lugar por um estranho interessado em mim. Em uma segunda olhada, achei que o conhecia de algum lugar, quando ele tomou uma decisão e se aproximou.

— Oi! – disse, sem graça. — Pode parecer uma cantada, mas acho que conheço você de algum lugar.

— Engraçado! Porque eu também achei isso — afirmei, com sinceridade.

Assim, desfiámos inúmeras possibilidades de onde poderíamos nos conhecer, todas elas descartadas.

— Onde é que você trabalha? — Finalmente, perguntei.

— Sou médico — e disse onde trabalhava.

Então, a luzinha se acendeu na minha cabeça, imaginei-o usando um jaleco branco e com estetoscópio no pescoço. Lembrei-me que foi ele que me atendeu no pronto-socorro, quando tive o ataque de pânico, há alguns meses atrás. Preocupada, rezei para ele não se lembrar de mim, aquela paciente neurótica que achava que estava enfartando, só porque foi abandonada pelo companheiro.

— Agora, eu me lembro! Atendi você na emergência do hospital, há alguns meses atrás! — Infelizmente, minhas preces não foram atendidas e ele tinha boa memória.

— É — respondi, sem jeito.

— Gosta do cinema iraniano? — Ele mudou de assunto para a minha alegria.

— Na verdade, eu não conheço muito bem — contei a verdade.

— Nem eu, mas gosto de conhecer outras culturas e povos diferentes. — Foi quando as portas se abriram para entrarmos na sala de exibição. — O cinema não está cheio, podemos sentar juntos — ele propôs para o meu espanto.

— Sim — eu concordei, prontamente.

O filme era bonito, porém muito triste e angustiante, por isso, tentei disfarçar, o melhor possível, as minhas lágrimas que teimavam em escapar, no momento que as luzes se acenderam.

— Gostou? – ele quis saber.

— Sim – respondi, sem olhar para ele, querendo esconder meus olhos vermelhos. Então percebi que ele fungava, assim o observei pelos cantos dos olhos e vi que também estava com os olhos vermelhos, porque tinha chorado.

Um homem sensível, pensei, enternecida.

— O que vai fazer agora? – perguntou, de repente.

— Vou voltar para casa.

— Não gostaria de jantar comigo?

O convite inesperado me pegou de surpresa.

— Claro – aceitei, admirada.



Ocupada

Nos fins de semanas que se sucederam, vieram vários encontros, claro que nas vezes que os plantões dele permitiam. Andávamos de bicicleta pela orla e dávamos longas caminhadas nos parques durante o dia e, à noite, assistimos peças de teatro sérias ou filmes coreanos, colombianos, tchecos, outros que nem me lembro mais de quais países exóticos eram. Seguidos por jantares em restaurantes alternativos, pois ele era vegetariano, onde falamos sobre a peça, o filme, os livros de preferência de sábios e circunspectos autores europeus e grandes pensadores da humanidade, ele tinha uma queda pelos existencialistas, além das suas entusiasmadas ideias de viagens pouco convencionais de autoconhecimento; já havia percorrido a trilha inca para Machu Picchu, visitado o Tibete e a Índia. O seu atual sonho era fazer o caminho de Santiago de Compostela, a rota dos peregrinos desde a Idade Média, que começa na França e termina na Espanha, na cidade que leva esse nome. Aquela ideia me deu arrepios de terror, só imaginar em percorrer 750 qui-

lômetros a pé, em peregrinação de autoconhecimento, por terrenos inóspitos, a mercê das intempéries climáticas, com uma mochila pesada nas costas, contudo, sorri com simpatia, afinal era um dos nossos primeiros encontros, queria saber onde aquilo ia dar.

Todavia, já haviam passado algumas semanas que estávamos saindo juntos, e ele apenas falava e falava, sem mais nada ou nenhuma atitude mais íntima, nem ao menos tentou segurar a minha mão no escurinho do cinema. Comecei a imaginar coisas, como se, por acaso, ele fosse gay ou que seu único interesse em mim fosse como uma amiga. Eu seria, unicamente, uma boa companhia para filmes e peças de teatro que mais ninguém queria assistir.

Então, depois de algum tempo, eu já estava quase me conformando que ficaríamos só no terreno da amizade, quando, finalmente, aconteceu. Foi durante um filme russo muito triste, sobre crianças perdidas tentando encontrar os pais, que, sutilmente, ele segurou a minha mão. Mal pude acreditar que estivesse acontecendo, assim apertei de leve os seus dedos para encorajá-lo e olhei para ele, que se inclinou na minha direção e me deu um leve e furtivo beijo na boca. Fiquei entusiasmada, esperando mais, porém, ele se afastou com timidez e encarou, novamente, a telona a nossa frente, visivelmente, encabulado. Suspirei resignada, no entanto, um pouco mais empolgada por aquele primeiro passo.

Continuamos quase como um namoro das antigas, castos beijos, mãos dadas, dividindo a pipoca no cinema. Tudo muito inocente e singelo. E com o passar do tempo, tinha que reconhecer que todo aquele romantismo estava me cansando,

afinal, estamos no século XXI, não precisava ser cortejada. Assim, um dia, eu fui um pouco mais audaciosa, dei-lhe um daqueles beijos de língua de tirar o fôlego. No instante que nos separamos, ele me fitou assustado, desse modo, percebi que exagerei.

— Desculpa — disse, constrangida.

— Não. Eu gostei. Só que... — ele vacilou e eu o incentivei com o olhar. — Eu terminei uma relação de longo tempo, há alguns meses, ainda estou um tanto ressentindo, porque ela me deixou por outro — confessou, tristonho.

Respirei fundo, sorri com cumplicidade e lhe contei a minha história.

Com isso, criamos um vínculo, uma convivência por nossas tristes histórias parecidas; podíamos conversar, desabafar, expor nossos medos e dúvidas.

Com o passar do tempo, só falávamos e falávamos, entremeados com alguns beijos um pouco mais audazes e uns abraços mais atrevidos e só isso.

Até que comecei a me entediar, queria dar o próximo passo, afinal, não era mais nenhuma donzela virginal casadoira, desejava um pouco mais de ação naquela relação, sendo assim, usei um velho truque e o convidei para jantar na minha casa, pegando-o desprevenido.

Naquele sábado, esmerei-me para preparar um maravilhoso jantar vegetariano, porém, simples e leve, pois não queria ninguém com a barriga muito pesada, devido às expectativas dos meus planos. Comprei flores para enfeitar a casa, coloquei velas para iluminar e perfumar. Eu me arrumei com cuidado, algo que há muito tempo não fazia, usei um vestido

bonito, comprei lingerie sexy, pulverizei perfume em lugares estratégicos, coloquei os meus melhores lençóis na cama e toalhas extras no banheiro, acendi um incenso artesanal. Tudo pronto, enquanto o esperava, ansiosa, verificando cada detalhe, repetidamente, para me ocupar.

No momento que abri a porta, tentei disfarçar minha inquietação, encontrei-o vestido com elegância e com um ramo de lindas rosas cor-de-rosa na mão, parecendo um tanto inibido, igual a um namorado no primeiro encontro.

— São orgânicas, plantadas sem o uso de agrotóxicos – ele me informa, quando me entrega as flores, sinto o seu perfume e agradeço.

Devo confessar que eu, também, estava um tantinho sem jeito e meio nervosa com a perspectiva do fim da noite.

Jantamos à luz de velas, ambos comemos pouco, apesar do meu suflê de legumes orgânicos e o arroz integral estarem muito bons. Bebemos muito vinho natural biodinâmico. Pulamos a sobremesa. Pus uma música suave para tocar, sentamos no sofá e bebemos mais vinho, o clima estava perfeito, como já era de se esperar, começamos a nos beijar, cada vez com mais intensidade. Até eu segurar a sua mão e guiá-lo para o meu quarto, onde tiramos a roupa um do outro, gentilmente e sem pressa. Na penumbra, deitamos na cama e ele começou a me acariciar com suavidade e delicadeza, percorrendo cada pedacinho do meu corpo com muita calma. Admito que no começo foi bom ser acariciada daquele jeito, mas depois de algum tempo, já entrava em desespero, porque aquilo não terminava mais, queria mais ação, mais ímpeto, mais ousadia. Porém, ele não parava de me acariciar com tanta calma

e gentileza, que comecei a ficar com sono, quase adormeci. Foi quando eu me decidi, mesmo parecendo um tanto afoita, puxei-o para mim, demonstrando o que eu desejava naquele momento.

Reconheço que a espera não valeu muito a pena. Ele não foi nada arrojado, até diria que foi até um tanto medíocre e rápido demais no que interessava. Entretanto, dei-lhe o desconto de ser a nossa primeira vez, não nos conhecíamos direito, considereei que ele estava um pouco tímido e inibido. Porém, foi muito bom dormir entrelaçada com alguém de novo.

No dia seguinte, bem cedo, ele foi embora, tinha plantão e, na minha porta, nos despedimos com um doce e singelo beijo.



Preocupada

Em uma sincronia perfeita como se combinado, assim que ele saiu, meu telefone tocou. Era minha irmã, curiosa para saber como foi a noite passada, já que ela conhecia das minhas intenções.

— E aí? – perguntou a queima-roupa, sem subterfúgios.

— Foi legal – respondi, pouco entusiasmada.

— Como legal? Muito legal tipo fantástico, inesquecível?

Ou tipo bacana, deu para tirar o atraso?

— Puxa! Eu não sei. Só posso dizer que foi legal. Ele é carinhoso, gentil, atencioso...

— E ruim de cama – ela concluiu.

— Não foi bem assim! – Queria defender o meu novo amante. — Você deve considerar que foi a nossa primeira vez. Acho que ele estava um tanto tímido, mas é muito delicado e calmo. Acho que com o tempo, poderemos nos entrosar melhor, conhecer o ritmo um do outro.

— Ih! Foi tão mal assim?

— Foi – admiti, finalmente. — Ele foi gentil e atencioso demais, com uma calma que beirou o desespero.

— Então, cai fora dessa!

— Ainda não. Ele é bacana, uma boa companhia. Sexo não é tudo em uma relação.

— Mas, é uma parte importante. Vocês não podem basear uma relação em filmes artes de países distantes e exóticos. Você vai morrer de chateação e tédio, sem ter uma cama quente para compensar.

— Eu vou dar um tempo e ver o que acontece conosco. Tenho esperança que poderemos nos acertar na cama.

— Você é quem sabe... — finalizou minha irmã, dando-se por vencida. — Ah! Você se lembra daquele meu amigo? Aquele que queria apresentar a você?

— Sei.

— Pois, ele está namorando sério, até nos apresentou a garota, nessa sexta, quando saímos para jantar.

— Bom para ele — disse, sem dar importância.

— No entanto, ainda acho que ele combinaria melhor com você — concluiu, pois, como sempre, ela tinha que ter a última palavra.

E assim continuei com o meu carinhoso e insípido namoro, tentando e tentando, mas, definitivamente, percebi que o problema não era timidez pela primeira vez, que ele era assim mesmo daquele jeito, extremamente carinhoso, gentil e meigo demais. Aquilo estava quase me matando de ódio e tédio, passar horas na cama sendo afagada delicadamente, para no fim, ter pouca ação, contudo não tinha coragem para reclamar, acabava sempre frustrada e insatisfeita.

E esses sentimentos começaram a transparecer em pequenas coisas e em determinados momentos. Ficava irritada

quando ele chorava no final de cada filme chato ou reclamava da falta de restaurantes vegetarianos na cidade. Eu queria me convencer que ele era um cara bacana e que um bom sexo não era tudo na vida. Então, veio a gota d'água, enquanto jantávamos em um restaurante vegano e eu tentava engoli o meu hambúrguer de soja.

— Quando serão suas próximas férias? – perguntou, de um modo casual.

— Ainda não marquei.

— Será que você as conseguiria para o começo de outubro?

— Acho que sim, não é um mês muito procurado – disse, disfarçando a empolgação, já imaginando que ele iria me convidar para alguma viagem romântica, em um lugar charmoso e encantador.

Ele sorriu satisfeito.

— Pois eu tive uma ideia. Lembra quando falei sobre o meu sonho de fazer o caminho de Santiago de Compostela, na Espanha?

— Sim – murmurei, preocupada.

— É que surgiu uma oportunidade e pensei que poderíamos ir juntos – concluiu, entusiasmado.

— Ah! – Tive que usar todas as minhas forças para segurar o meu sorriso, que insistia em desabar.

— Seria maravilhoso nós dois juntos, andando pelos campos da Espanha, dormindo em albergues no final de cada dia, conhecendo gente diferente, eu cuidaria das suas bolhas nos pés e você das minha – Aquela visão de eu fazendo curativos nos pés esfolados dele, depois de um dia inteiro de exaustiva

caminhada, me embrulhou o estômago. Eu precisava acabar com aquilo naquele momento, mas ele era tão legal e parecia tão contente com a ideia, que não tive coragem. — Posso pesquisar a viagem para nós dois? — questionou e eu assenti debilmente com a cabeça.

No dia seguinte, telefonei aflita para minha irmã e contei-lhe toda a história.

— Cai fora dessa, agora! Senão, daqui a pouco, você vai acabar com um cajado na mão e uma mochila nas costas, em algum caminho árido na Espanha.

— Eu sei e estou preocupada com isso — choraminguei. — Mas, não consigo terminar com ele.

— Não pense muito. Faça!

— Sabe, você é um cara muito legal e eu gosto muito de você. Sei que o problema é comigo, e não seu, mas sinto que ainda não estou pronta para um relacionamento mais sério. — Comecei com calma e segurança, naquela noite, quando saíamos do cinema, após assistirmos um drama sobre um palestino e um israelense que se apaixonam.

Ele me olhou confuso, então entendeu o que eu queria dizer.

— Você está terminando comigo? — perguntou, desalentado.

— Sim — falei com pesar. — Você é uma boa pessoa, por isso, sei que encontrará alguém que o complete e o mereça como deve ser, mas essa pessoa não sou eu.

— Todas as minhas ex-namoradas falaram isso para mim — finalizou, conformado.

— Então, porque todas elas sabiam que não eram a mulher certa para você. Em breve, quando menos você esperar, essa mulher vai surgir na sua vida, eu tenho certeza disso — previ, ele me deu um sorriso triste.

— Podemos continuar a ser amigos?

— Sim, claro que podemos — respondi, com sinceridade. Assim, terminamos sem traumas nem lágrimas.

Tempos depois, ele me mandou notícias, contou-me que durante sua viagem a Santiago de Compostela, conheceu uma médica francesa vegana e estavam namorando firme e completamente apaixonados. Ela prestava serviços humanitários na África, que seria o destino da sua próxima viagem. Fiquei, verdadeiramente, feliz por ele.



Quente

Estava sozinha de novo, porém não foi como a primeira vez, sentia-me um pouco mais segura e confiante. Voltei a sair com minhas colegas, preenchendo as noites solitárias com conversas divertidas, muitas bebidas e, de vez em quando, dança e alguns flertes inconsequentes, só para passar o tempo.

Foi em uma dessas noites dançantes que eu o conheci. Estava à mesa com minhas amigas, bebendo, rindo e nos divertindo, quando, já quase no fim de noite, ele se aproximou e me convidou para dançar. Ele era alto, moreno, bonito de um modo diferente, tinha belo corpo e rosto, cabelos negros, mas sua maneira de se vestir era um tanto estranha para mim, não do tipo que me agradava, usando calças brancas um tanto juntas e uma camisa preta com os primeiros botões abertos, deixando entrever o cordão dourado com uma medalha descansando no peito. Não tinha como recusar o convite, pois pegaria mal, assim aceitei.

Ele me levou para o meio do salão, envolveu-me com um dos braços e segurou a minha mão com a sua outra livre, com total confiança.

— Eu não danço muito bem – desculpei-me, antes de começarmos.

— É só confiar em mim, que eu me encarrego do resto.
— E foi o que fiz, só me deixei levar.

Com os nossos corpos juntos, senti o cheiro do perfume cítrico dele que emanava com o calor dos movimentos, a sua mão forte e quente nas minhas costas, suas coxas roçando as minhas, o gingado dos seus quadris, meu coração acelerando. Enquanto girávamos, com desenvoltura, pelo salão ao ritmo da música cadenciada, senti algo que há muito tempo não sentia, era um desejo um tanto selvagem e irracional, do tipo fêmea no cio.

— Você dança bem. Leva jeito – elogiou.

— Você também – reconheci.

— Venho aqui para dançar quase todo o fim de semana.

No término da música, ele me levou de volta à minha mesa, eu estava extasiada, e, para minha completa surpresa, pediu o número do meu telefone, que, sem dúvida alguma, dei. Admito que se estivesse em outro momento da minha vida, provavelmente, não perceberia a sua existência, não o olharia pela segunda vez, mas agora, eu precisava disso, ser cortejada e me sentir desejada.

Dois dias depois, ele telefonou a fim de me convidar para sair; eu fiquei entusiasmada, estava louca para vê-lo outra vez.

Na sexta à noite, ele me pegou em casa, no seu carro muito bem cuidado e conservado, apesar de ser um modelo antigo. Novamente, usava a camisa com os primeiros botões abertos, deixando à mostra a mesma corrente de ouro com a medalha pendurada. Os cabelos cuidadosamente penteados

e perfume um tanto forte, que me incomodou um pouco no primeiro instante.

Ele me levou para um barzinho simples e simpático, pediu cerveja e uns petiscos e começamos a conversar. Foi aí que o problema surgiu, não combinávamos em nada, simplesmente, não tínhamos nenhum assunto em comum. Ele não gostava de ir ao cinema, só assistia filme de ação ou guerra, de preferência com muito sangue, jamais lia, nunca viajava, a não ser para alguma praia, onde pudesse ficar na areia tomando cerveja. Adorava futebol, jogava pelada com os amigos toda quinta-feira e sábado e, nos domingos, assistia às partidas pela televisão ou ia aos estádios. Desse modo, a noite se arrastou lentamente, com os dois entediados, sem saber o que dizer.

— Eu estou um pouco cansada e queria voltar para casa agora, caso não se importe? — Dei uma desculpa, só desejando ir embora o mais rápido possível e esquecer aquela noite.

— Certo — concordou, sem hesitar, já que deveria estar sentindo o mesmo que eu.

Ele pagou a conta, não quis dividir, apesar da minha insistência. Voltamos no carro dele, quase em silêncio, até pararmos na frente do meu prédio. Então, foi quando tudo aconteceu, eu me virei para dar um beijo de despedida no seu rosto, com a certeza que nunca mais nos veríamos, exceto por algum encontro casual em qualquer lugar público. Não sei bem o que houve naquele instante, foi pura eletricidade percorrendo nossos corpos, quando nossas bocas se encontraram, atrevido, ele me puxou para si. E, lá estávamos nós dois, atracados, em meio a beijos loucos e selvagens. Mal con-

seguia pensar, enquanto as mãos dele passeavam ávidas pelo meu corpo. Já, praticamente, transando dentro do carro, estacionado bem na frente do prédio, onde eu morava. Nunca fui assim tão desinibida e atrevida nesse assunto de sexo, porém, parecia que eu era uma outra mulher correspondendo, audaciosa, aos seus apelos e carícias.

Em um vislumbre de lucidez, consegui me apartar e quase sem fôlego, pedi para subirmos.

Durante o curto trajeto até o meu apartamento, ele mal conseguia tirar as mãos de mim, me beijando, acariciando e bolinando. Por sorte, nenhum vizinho entrou no elevador. Quando consegui abrir a porta, ele me pegou de jeito, tiramos nossas roupas, sem nenhuma vergonha, ali na sala mesmo. Ele elogiou meu corpo, dizendo como eu era linda e gostosa e, naquela circunstância, quis acreditar. Ele me levou para o sofá, os toques da mão deles eram como fogo na minha pele, me incendiando, me alucinando e enlouquecendo de puro desejo. Daí para frente, foi uma total loucura, completa insanidade, em momentos de absoluto êxtase. Devo revelar que nenhum homem tinha feito isso comigo, me sentia totalmente sexy, gostosa e depravada. Até que, finalmente, nos quedamos ofegantes e exaustos, corpos suados e os corações em disparada. Nunca havia vivido nada igual. Enfim, eu encontrei o Nirvana.



Racional

O sexo era maravilhoso, incrível mesmo, selvagem, quente e intenso, cheio de energia, como nunca havia experimentado antes, porém, quando estávamos vestidos, a situação mudava de figura. Afinal, não se pode basear uma relação somente na conjunção carnal, mesmo que fosse inacreditavelmente boa. Por isso, tentamos manter um relacionamento saudável, contudo, ficava muito difícil, porque ele não gostava de nada do que eu gostava e vice-versa. Para ele, as suas diversões prediletas eram beber com os amigos em botequins, assistir e jogar futebol, o que eu detestava. Para mim, os amigos deles eram grossos e mal informados. Para ele, minhas amigas eram metidas e dondocas e cinema e livros eram chatos.

O pior momento foi quando o apresentei a minha irmã e ao meu cunhado. Combinamos de jantar juntos, no restaurante favorito dela, o que não foi uma boa ideia, porque ele achou muito cheio de frescuras. Minha irmã bem que tentou disfarçar o seu total espanto, ao conhecer o meu novo namo-

rado, diga-se de passagem, sem muito sucesso. Meu cunhado até que foi simpático, puxando assuntos para trazê-lo para a conversa, falaram sobre futebol e carros. Foi quando minha irmã me convidou para irmos ao banheiro juntas, mas paramos bem atrás da porta, atrapalhando a entrada.

— O que você pensa que está fazendo? – ela me disse, em tom de recriminação.

— O quê? – Fingi não entender.

— Saindo com um cara desses!

— Você está sendo preconceituosa – ataquei.

— Não, estou sendo realista. Vocês são muito diferentes, não combinam.

— Ele é um cara legal.

— Eu não estou dizendo o contrário, mas é óbvio, que vocês não têm nada a ver um com o outro.

— Mas o sexo é fantástico! – declaro, sem nenhum pudor. Ela revira os olhos e arfa, exasperada.

— Não se pode viver o tempo todo na cama. E quando estão fora dela, como é que é?

— É um tanto estranho. – Tive que admitir a verdade.

— Está vendo! É isso que estou dizendo! Até entendo, pois sei que depois do que passou, pode estar um tanto carente e uma boa cama faz a gente perder a cabeça, porém, no momento em que o fogo da paixão e do desejo cessarem, e a fumaça abaixar, vocês vão se enxergar exatamente como são, então, a verdade virá à tona. Será só uma questão de tempo – previu.

Como minha irmã profetizou, percebi que o show pirotécnico da paixão e desejo estava terminando, quando tive

que trabalhar até tarde por vários dias, devido ao fechamento de um semestre difícil. E toda noite, meu telefone tocava e a voz dele inquisidora soava acusatória.

— Onde você está?

— No trabalho – respondia, sentindo-me culpada.

— Até essa hora?

— Sim, eu disse a você que era o fechamento do semestre. Silêncio.

— Vai demorar?

— Só mais um pouco.

— Tem alguém aí com você?

— Um monte de gente.

— Não chegue tarde. Boa noite – ele finalizava.

A gota d'água foi em uma sexta, quando ele me convidou para sairmos para dançar no clube onde nos conhecemos, pois era o aniversário de um amigo dele e toda a sua turma estaria lá. Cheia de cuidados, desculpei-me e disse que não poderia ir, pois seria a conclusão do fechamento do relatório do semestre e não sabia a hora que terminaria. Ele ficou bastante aborrecido, fechou a cara, mal se despediu, avisando que iria sozinho. Dei de ombros, com falsa indiferença, falei que não tinha importância, que ele poderia ir.

No entanto, naquele dia, inesperadamente, conseguimos terminar o fechamento mais cedo. Olhei para o relógio, feliz, vi que conseguiria ir à festa de aniversário do amigo dele. Quis lhe fazer uma surpresa, aparecendo lá de repente. Porém, a surpresa foi minha, pois ao chegar no clube, toda animada, deparei com ele, rodopiando pelo salão, todo serelepe e feliz,

com outra mulher nos braços. Até aí tudo bem, no entanto, havia algo a mais naquela cena, alguma coisa familiar que reconheci de tempos atrás, quando era eu nos braços dele. Tinha um quê de sedução, um joguinho de conquista entre os dois, que estava nos olhares e sorrisos lânguidos que eles trocavam, na mão dele possessiva nas costas dela. Senti como se um nó apertasse minha garganta, algo se partiu dentro de mim, só queria sair dali. E assim, como entrei, eu me fui.

— Acabou! – declarei com a voz firme, olhando direto nos olhos dele, na tarde de sábado, quando nos encontramos em um barzinho à beira-mar.

Minha mente estava clara e limpa, com o peito vazio, não havia dor naquele adeus, só uma certa melancolia. Nesse momento, eu me sentia completamente racional.

— Certo – ele não me pediu explicação, não precisava, pois ambos sabiam que a nossa história havia chegado ao fim. — Foi bom enquanto durou – disse e partiu, deixando-me ali com uma inexplicável mescla de tristeza e alívio.

Depois desse dia, eu o encontrei algumas vezes pela noite, nós nos cumprimentamos à distância, com um rápido aceno de mão e um sorriso fugaz, mais nada.



Sozinha

Outra vez, estava sozinha, porém, era diferente, agora, já que não me sentia mais a última das mulheres, por não ter ninguém. Havia passado muita água debaixo da ponte, desde que meu companheiro foi embora, há mais de um ano. Eu estava bem, pois tinha consciência que era uma mulher moderna, independente e me bastava. Pelo menos, era o que eu achava, até que uma brincadeira de mau gosto do destino me balançou.

Em uma tarde preguiçosa de sábado, estava feliz depois de fazer umas comprinhas e arrasar o meu cartão de crédito, esperando na fila do meu restaurante de saladas favoritos, quando ouvi uma voz inconfundível, logo atrás de mim, que reconheci imediatamente. Era o meu ex conversando com uma mulher. Então, minha fome sumiu, minhas entranhas se contorceram dentro da barriga, meu desejo foi de desaparecer dali naquele instante, entretanto, sabia que seria impossível escapar de fininho, já que teria que passar por eles, não havia outra saída. Assim decidi ficar, olhava diretamente para

frente, contando com a sorte que eles não me vissem. Tentei fazer as minhas escolhas o mais rápido que podia, já que eles estariam bem atrás de mim. Minha tática estava dando certo e quase chegando ao salão, onde pretendia escolher a mesa mais afastada de todas e ficar de costa para o resto do mundo, foi quando ouvi um dos atendentes me chamar:

— Moça, você esqueceu seu suco!

Considere as minhas hipóteses bem depressa, pois poderia sair correndo, sem olhar para trás, igual a uma maluca, ignorando-o, como se não fosse comigo, ou me virar e fingir surpresa ao dar de cara com ele, com um sorriso dissimulado, como se não me importasse. Desse modo, escolhi a última opção.

Respirei fundo e me virei, com um ar indiferente, como se nada tivesse acontecido. Poderia ganhar um prêmio de interpretação ao manter minhas feições impassíveis, quando dei de cara com ele, abraçado à sua atual namorada.

Agora, cara a cara, seguiu-se um breve instante de perplexo silêncio, nenhum dos dois se atrevia a falar. Ao seu lado, a namorada observava tudo, com uma expressão estranha e indecifrável, esperando pelo desenrolar da desconfortável situação.

— Oi – murmurei, finalmente.

— Oi – ele repetiu no mesmo tom. — Como vai?

— Eu estou bem. Fazendo umas comprinhas – disse, em um tom de falsa alegria, erguendo as sacolas na minha mão para comprovar a veracidade.

— Ah! Que bom — ele comentou, sem assunto.

Fomos salvos pelo restante da fila, que reclamou a interrupção do fluxo.

— Adeus.

— Adeus.

Peguei meu suco esquecido e desapareci o mais rápido possível dali e me escondi em um canto do salão, mas mal toquei na minha comida.

Mais tarde, fiquei relembrando o nosso encontro, pensando em cada detalhe, o seu tom de voz, seu olhar, procurando pequenos sinais que ele estava arrependido por ter me deixado e havia descoberto que ainda me amava, contudo, não sabia como voltar e me pedi perdão, por isso, continuava com aquela outra magricela e sem graça.

Liguei para a minha irmã, angustiada com minhas suposições. Contei-lhe como foi o nosso encontro acidental, com mínimos detalhes. Tenho que confessar que exagerei um pouco na minha descrição das reações dele.

— Não caía nessa – ela disse, de maneira direta e objetiva. — Se ele quisesse estar com você, não a teria deixado. Ele está com outra agora.

— Mas pode ter se arrependido – retruquei, cheia de esperança.

— Por favor, não tenha nenhuma recaída, nem crie fantasias irreais. Você tem que tocar a vida em frente, porque ele já fez isso.

— Você não viu o que eu vi, não sentiu o que eu senti. — Ainda tentei, querendo me agarrar em um fiozinho de ilusão.

— É isso que estou dizendo, só você viu e sentiu, porque está apenas na sua cabeça. — Ela foi impiedosa. — Esqueça! Vire a página. Ah! E por falar em virar a página, sabe aquele meu amigo?

— Sim, eu sei. Aquele que você queria me apresentar — confirmo, entediada.

— Esse mesmo! Terminou o namoro, parece que eles não combinavam. Por que você não tenta?

— Tudo bem! – respondi, resignada. — Dê meu telefone para ele. – Estava decidida a encontrar com o cara, para tirar aquela ideia fixa da cabeça da minha irmã.



Tensa

No fundo do coração, não acreditava que o amigo do meu cunhado ligaria algum dia, no entanto, ele ligou na terça à tarde. Fiquei pasma, quando atendi o número desconhecido e ele se apresentou.

— Você não acreditava que eu ligaria – ele declarou, adivinhando meus pensamentos.

— Não — Fui sincera.

— Então, podemos marcar algo?

— Sim.

— Onde você mora?

Eu o informei.

— Conheço um lugar ótimo perto da sua casa. Pode ser na sexta?

— Claro – concordei, resolvida acabar com aquela história o mais rápido possível. — Sexta está ótimo.

— Quer que eu a pegue na sua casa?

— Não, obrigada. Posso encontrar você lá – determinei, pois não pretendia ficar com ele, em um ambiente restrito como um carro, logo de cara.

Assim, ele me passou o endereço do lugar e nos despedimos. Eu não dei muita importância, imaginando que seria só uma única saidinha com os dois sem graça, depois, nunca mais precisaríamos nos ver novamente, minha irmã se daria por vencida e me deixaria em paz de vez.

Durante o resto da semana, eu praticamente me esqueci do tal encontro. Contudo, na sexta, fiquei tensa o dia inteiro, pensando como seria a noite, e o que me esperaria. Por isso, comecei a inventar mil desculpas para uma possível fuga estratégica, caso ele fosse muito chato, esquisito ou inconveniente.

Na noite combinada, usei a velha tática de chegar atrasada, pois não queria ficar sentada, naquele bar, sozinha, esperando por ele.

O lugar combinado estava cheio, afinal, era sexta-feira à noite. Olhei em volta, procurando por algum homem sozinho, sem ter ideia de como ele seria. Assim, meus olhos passearam dos mais bonitos aos mais feios, mas a maioria deles estava acompanhado. Quando eu notei alguém se erguer, na clara intenção de ser visto, sorriu e acenou para mim.

Caminhei na sua direção, analisando-o, sem chegar a nenhuma conclusão, era um cara comum, mais ou menos da minha idade, tinha uma boa aparência, um rosto simpático e um belo sorriso, vestia-se bem, de um modo casual, camisa polo e calça jeans.

— Oi – sorri, timidamente, quando estávamos frente a frente.

— Oi – Ele me devolveu o sorriso.

— Desculpe-me pelo atraso.

— Você não demorou tanto – afirmou, quando nos sentávamos. — Bebe algo?

— Uma taça de vinho branco – respondi, olhando o cardápio, estava disposta a beber pouco e prolongar aquela taça pelo resto da noite. — Minha irmã disse que você voltou ao país, há pouco tempo – iniciei a conversa, tentando parecer descontraída, depois que fizemos os nossos pedidos ao garçom.

— Sim, há alguns meses. Trabalhei em um banco lá fora, por muitos anos. Mas, então, senti que era a hora de voltar para casa.

— Saudades?

— Não, eu me divorciei. Então, não vi mais motivo para continuar por lá.

— Deve ter sido difícil abandonar tudo e voltar.

— Decerto, não foi fácil. No entanto, quando minha ex-mulher foi embora, eu comecei a me sentir diferente, sozinho, me percebi como um estrangeiro, sem nenhum vínculo com aquele lugar, quis voltar para casa.

— E você largou o seu emprego? Sua carreira? – perguntei, descrente de tal coragem e impressionada por ele contar sua história logo no primeiro encontro.

— De certo modo. Mas, não se preocupe, porque já arrumei outro emprego aqui.

— Que bom!

— Claro, que não ganho nem a metade do que ganhava antes, mas dinheiro não é tudo na vida, precisava de um pouco de paz de espírito. Você deve me achar estranho, por contar a minha história a uma pessoa que mal conheço.

— Não – menti, dando de ombros, com falsa indiferença.

— Mas, atualmente, já não me machuca tanto quanto me machucava antes e gosto de ser sincero.

— Isso é bom, dizer a verdade. E há quanto tempo você se separou?

— Há mais ou menos um ano. Foi tudo muito de repente, um dia saímos para jantar, com fazíamos todas as sextas, e entre a sobremesa e o café, ela disse que iria me deixar porque não me amava mais. O pior é que eu não havia percebido nada antes, não notei que ela não era mais feliz ao meu lado.

— Eu entendo o que está falando, também passei por isso. Meu companheiro me deixou assim, de repente, fiquei sem chão.

— É como estar preso em um pesadelo – ele confessou.

— E você sabe que nunca vai acordar – eu completei.

— Então, eu sugiro um brinde. A nós, os abandonados e sobreviventes, que superamos nossas perdas!

Ele ergueu seu copo, fez o mesmo, brindamos, sem ter certeza, se, havia superado inteiramente minha perda, e duvidava se ele também havia superado a dele, mas, seguramente, doía bem menos agora. Olhei nos olhos castanhos dele, eram calmos e ternos, pareciam sinceros, aquilo me tranquilizou.

Depois, continuamos a conversar sobre outros assuntos, nos forçando a criar um clima mais leve e amigável. Ele era culto, simpático e agradável, contava histórias interessantes, falava por onde andou, discorria suas ideias com facilidade, ou seja, era encantador, mas não sabia se me sentia atraída por ele. Talvez, ele achasse o mesmo de mim. Ambos estávamos ali só para agradar os outros. Ou, quem sabe, estava

me protegendo depois de tantos envolvimento equivocados, nesses últimos tempos. Eu havia criado uma casca dura, quase impenetrável, não queria mais desperdiçar meu tempo com alguém errado.

— O que mais eu sinto falta é da companhia para as pequenas situações cotidianas, coisas banais, como ir ao cinema ou jantar fora no restaurante da esquina, assistir um filme juntos no sofá. Essas coisas comuns de casais, mas não tive muita sorte esses últimos tempos – ele revelou.

Imaginei que ou ele era mesmo muito esperto, dizendo exatamente o que eu também sentia, ou estava sendo verdadeiro.

— Que tipo de filme você gosta de assistir? – Fiquei mais interessada, rezando que ele não fosse fã de filmes alternativos e de culturas exóticas, nem de filmes de ação ou violência.

— Eu sou bem eclético. Gosto de tudo um pouco, passando por alguns filmes comerciais até filmes mais alternativos – ele declarou e eu suspirei aliviada.

No fim da noite, caminhamos até o meu prédio, paramos na frente da portaria.

— Gostei muito dessa noite – Percebi que ele estava sendo franco.

— Eu também – admiti.

— Podemos sair para jantar qualquer dia desses.

— Claro – assenti, sinceramente, gostando da ideia.



Única

Logo pela manhã cedo, despertei assustada com o insistente toque do meu telefone, que me esqueci de desligar na noite anterior, já prevendo quem seria.

— E aí? Como foi a noite? — Minha irmã estava ansiosa do outro lado da linha.

— Eu não acredito que você me acordou tão cedo para me perguntar isso! — exclamei, irritada.

— Você já está acordada mesmo, então responda logo, como foi a noite?

— Boa — respondi, ainda com os pensamentos embaralhados pelo sono, sem muita vontade de conversar.

— Como boa? Só boa?

— Ele parece ser um cara legal — disse, indiferente.

— Como legal?! Ele é ótimo! — retrucou, exaltada.

— Acho que não vai dar em nada — previ, friamente.

— Você não pode deixar ele escapar assim!

— Se você gosta tanto dele assim, por que não fica com ele? — questionei, sem paciência.

— Porque eu já sou casada. Mas, se não fosse e me aparecesse uma oportunidade única como essa, de um cara bacana, eu agarraria com unhas e dentes.

— Eu não estou tão desesperada assim. Não preciso de um homem para ser feliz.

— Eu sei que não precisa, querida – Sua voz se tornou mais branda. — Só que ele seria uma boa companhia, alguém para dividir bons e, às vezes, maus momentos. E acho que é isso que ele quer também, uma boa companhia.

— Tudo bem. Mas, vou esperar ele me ligar outra vez.

E ele me ligou, convidando-me para um cineminha na outra sexta à noite, deixando a escolha do filme para mim.

No dia combinado, nós nos encontramos no cinema e eu não cheguei atrasada dessa vez. Assistimos uma banal e engraçada comédia romântica, comendo pipoca, depois, jantamos em um agradável restaurante italiano perto da minha casa, bebemos um bom vinho, comemos bem, conversamos e rimos muito, dividimos a conta. Caminhamos a passos lentos, para prolongar cada minuto juntos, até a minha portaria, sem pararmos de conversar, eu gostando de ouvir as suas histórias e, desconfiava que, ele as minhas.

Foi quando chegamos diante do meu prédio, que nos beijamos pela primeira vez. Na hora de dizer adeus, ele se aproximou devagar, com cuidado, e me deu um beijo rápido e superficial, enquanto nos despedimos. Seus lábios eram quentes e macios, devo admitir que, apesar de breve, foi bom. Em seguida, nos afastamos, ele me deu boa-noite, esperou eu entrar pela portaria e foi embora.

No sábado, ele me ligou de novo, combinamos sair, dessa vez em um restaurante bacana, um jantar especial. Para

isso, me arrumei como há muito tempo não fazia, fiquei bem bonita. Ele apareceu para me pegar, muito elegante, bem vestido e cheiroso. A noite transcorreu leve e divertida, ele era engraçado, dono de um humor sutil e refinado. Naquela altura, eu fantasiei como seria o fim de noite, entre beijos e abraços românticos. Mas não foi isso que aconteceu, pois ele me levou para casa, o beijo de despedida foi mais quente e prolongado do que na noite anterior, porém, parou por aí. Ele disse adeus e foi embora, devo confessar que fiquei um tanto decepcionada, no entanto, foi um bom começo.

Assim, continuamos a sair um dia depois do outro, nos tornamos companhia frequente, íamos a museus, a teatro, ao cinema, assistíamos a shows de músicas. No cinema, na penumbra, ficávamos de mãos dadas e eu encostava a cabeça no ombro dele. Ríamos e conversávamos durante os jantares em restaurantes variados. Passeamos na orla da praia ou em parques ao sol, no domingo. Despedíamos com ternos e longos beijos, na porta do meu prédio, como um romântico casal de namorados.

Ele não me pressionava, seguíamos com calma, nos conhecendo bem devagar, sem pressa, como se tivéssemos todo o tempo do mundo.

Foi então que eu me decidi, que já era o tempo de dar um passo à frente na nossa relação, já havia passado por aquilo antes e não valeu muito a pena esperar, essa expectativa só me deixava mais ansiosa, então usei uma velha tática e o convidei para jantar no meu apartamento.



Vitoriosa

Naquela noite, eu fiz questão de ficar bem bonita, porém de maneira diferente, mais informal, sem disfarces ou encenação, ser somente eu mesma, então coloquei um bonito e despretensioso vestido, usei sapatos confortáveis, para mostrar por fora como me sentia por dentro e agradar a visão, um perfume suave e sensual para despertar olfato.

Preparei, com primor, um gostoso e caprichado jantar, com minhas melhores receitas, e para acompanhar, um bom vinho escolhido com cuidado e arrumei uma mesa bela, enfeitada com flores, para agradar o paladar e os olhos.

Uma música suave enchia a casa e os ouvidos e alentava a alma. O tato seria o último sentido que esperava usar com o passar das horas. Aquela preparação foi um ritual, feito com muita atenção e zelo, já que seria uma passagem, esperava que nosso relacionamento alcançasse um novo patamar nas nossas vidas.

Eu tinha consciência que havia me tornado uma nova mulher, nascida de um parto doloroso do abandono e da de-

cepção, por isso, sentia-me mais forte e segura. Passei por vários caminhos, alguns bastantes tortuosos, para chegar até aquele ponto, assim, eu sabia exatamente o que queria.

Ele chegou no horário combinado, nunca se atrasava, um hábito adquirido com as rígidas regras de convivência no trabalho, e eu apreciava isso, pois nunca gostei da ansiedade da espera. Abri a porta, apreensiva, e convidei-o para entrar. Nas suas mãos, havia um lindo ramallete de flores do campo coloridas e uma garrafa de um bom vinho, que recebi, enternecida.

Ao entrar, ele conheceu, timidamente, o meu território. Não seria o primeiro homem que trazia à minha casa após a separação, porém, desta vez, seria diferente, queria impressioná-lo, pois ele era aquele que eu desejava intensamente receber como anfitriã e mulher, no doce jogo da sedução, apesar das cartas estarem marcadas.

Assim se foi a noite, comemos com calma, aproveitando a comida que preparei com esmero, bebemos o vinho com prazer. Conversarmos, perdendo tempo falando bobagens, sem nos preocuparmos com nada. Deixamos nos embalar pela música, dançamos juntos, olhos nos olhos. Podia perceber suas mãos quentes nas minhas costas sobre o fino tecido do meu vestido, o cheiro do seu perfume nas minhas narinas me embriagava mais que o vinho. Encostei minha cabeça no seu peito e me deixei levar pela dança, escutando o ritmo do seu coração.

Até que ele segurou o meu queixo e ergueu meu rosto, fitando nos meus olhos com seus olhos escuros e quentes e me beijou. Um suave beijo, quase um roçar de lábios, que aos

poucos se tornaram mais exigentes e cálidos. Os fatos se desenrolaram sem urgência, foi tranquilo e delicado, as roupas descartadas com cuidado, as mãos se perderam em carícias sensuais, tocando a pele com cobiça e deleite, a invasão tão esperada e desejada, o prazer chegando junto para os dois, depois, os corpos ofegantes, esgotados e, plenamente, felizes e vitoriosos. Aquele era um momento que deveríamos guardar nas nossas memórias, como se soubéssemos que poderia ser, somente, a primeira vez.



ApaiXonar-se

Acordei na minha cama, cedo na manhã seguinte, com ele ainda ao meu lado. Eu o admirei adormecido tranquilamente, imaginando o que estaria sonhando. Ele abriu os olhos e deu-me um sorriso sonolento.

— Bom dia!

— Bom dia!

Ficamos em silêncio, um virado para o outro, nos olhando, sem dizer mais nada, não precisava. Naquele momento, dentro de mim, senti um estranho e agradável calor, minha alma leve, aquecida e reconfortada.

E quando olhei nos seus olhos e pude me ver dentro deles, fui envolvida por uma bruma de medo. Um medo irracional da perda e de sofrer novamente. Um medo de reabrir as feridas tão recentemente fechadas. O medo de me apaixonar mais uma vez. Assim como algo inexplicável, uma espécie de instinto de autopreservação, eu me fechei, me refugiei dentro de mim a fim de me guardar, proteger-me de possíveis novas desilusões e amarguras. Quedei paralisada, quando ele ergueu

sua mão e acariciou meu rosto com as pontas dos dedos. Sem saber o que fazer e dizer; nesse instante, fugi. Saí apressada da cama, com a desculpa de precisar usar o banheiro.

Sozinha, atrás da porta fechada, respirei fundo, olhando-me no espelho, encarando a mulher assustada na minha frente, tentei raciocinar, ponderei comigo mesma. Não podia me esconder a vida inteira do amor, não queria desistir dele, não havia o que temer, nem o porquê desse medo irracional, mas nada convencia o meu coração aflito.

Mesmo assim, ainda insegura, me enrolei em um roupão e saí correndo do banheiro.

— Vou preparar o café da manhã para a gente — desculpei-me e rumei, depressa, para a cozinha.

Afoita, comecei a abrir armários, pegar xícaras e pratos, colocar o café na cafeteira, ou seja, me ocupar para parar de pensar.

Ele surgiu na porta, encostou-se no batente displicente, com a mão nos bolsos da calça que colocou, ficou me observando com atenção, sem falar nada.

Pus a mesa, apressada, convidei-o para sentar, enquanto eu me acomodava. Ele se aproximou, ocupando o lugar à minha frente e eu comecei a perguntar, atropelando as palavras, o que desejava comer e beber e, com movimentos bruscos e precipitados, servia-o.

Foi no momento em que ergui o prato, para lhe oferecer uma fatia de bolo, ele olhou nos meus olhos, pegou o prato, tranquilamente, e o pôs sobre a mesa, segurou a minha mão entre as dele e me encarou, sustentei o olhar, receosa. Naquele instante, percebi todos os sentimentos confusos pairando entre nós dois, como insetos.

— Eu também estou com medo — afirmou, com calma. Pisquei duas vezes, atônita, como se não compreendesse aquelas palavras. — Eu também estou com medo de me envolver novamente, de não dar certo e acabar sofrendo, mais uma vez — repeti, eu suspirei e relaxei os ombros, aliviada.

— Você me entende! Depois de tudo que passei, de ter que juntar e colar todos os pedacinhos espalhados. Tenho medo de me apaixonar e sofrer tudo aquilo, outra vez. Por isso, eu acabei me envolvendo com alguns homens, por quem eu sabia que nunca me apaixonaria, até encontrar você, alguém que poderia me apaixonar, então, eu estou com medo.

— Confesso que me sinto lisonjeado pelo o que acabou de dizer. Mas, eu também estou com medo pelo mesmo motivo. Porque sei que poderia me apaixonar por você e não queria sofrer como eu sofri, novamente.

— O que faremos?

— Poderemos prometer sermos sinceros um com o outro. Falar a verdade. Assinalar quando as coisas forem mal.

— Ir com calma e ver onde vai dar — completei.

— Então, temos um acordo?

— Sim, temos.

— Brindamos a isso!

Erguemos e tocamos as nossas xícaras de café, olho no olho e com um recíproco sorriso de conivência.



Feliz

Definitivamente, nesse momento da minha existência, eu me sinto feliz, mesmo não sabendo por quanto tempo irá durar, pode ser para sempre ou pode acabar no mês que vem, no entanto, quero aproveitar cada minuto, sem me preocupar com o futuro.

É uma felicidade tranquila e aconchegante, que eu merecia depois de tudo que passei, antes de chegar até aqui.

Agora, eu sei que para haver um novo início, antes tem que haver um fim para completar um ciclo, por mais difícil que seja.

Nessa minha jornada, cresci e aprendi que ninguém pode ser feliz o tempo todo, nem é responsável pela felicidade alheia. Cada um que cuide da sua, sem colocar a culpa das suas escolhas nos outros. Tudo depende de como se encara as alegrias e tristezas que a vida lhe apresenta, assim podemos ser felizes juntos.

Também, não se deve negar a felicidade com medo de perdê-la algum dia e sofrer por isso. Tenho que aproveitar

cada instante, pois tudo se modifica ou tem um fim, todavia, restarão as lembranças, algumas serão boas, outras ruins, mas essas poderão ser usadas como ensinamentos, assim se aprende a não cair no mesmo erro outra vez. No entanto, se isso acontecer e eu sucumbir no mesmo erro, estarei mais forte e preparada para enfrentar os obstáculos que o futuro me trouxer, já que sei que nada é para sempre e estamos sempre mudando.

Descobri que essa tal de felicidade deve ser tratada com muito cuidado e mantida com zelo, mesmo assim, pode desaparecer em um piscar de olhos, visto que é efêmera, qualquer brisa adversa pode levá-la embora.

Enquanto, eu encaro a tela em branco à minha frente, não consigo controlar o filme que passa rápido dentro da minha cabeça, como um trailer cujo enredo descreve os últimos meses da minha vida. Revivo as cenas do abandono, a dor, a procura e o reencontro de mim mesma, com as pessoas que passaram pela minha vida e os homens com quem eu me relacionei. Todos fatos que me levaram até ali, naquele lugar, naquele instante, reflito se valeu a pena. Concluo que sim, porque, agora, estou, realmente, satisfeita com a pessoa que me tornei. Só se pode ser feliz com alguém, quando se é feliz consigo mesma.

Sou tirada dos meus devaneios, por uma certa agitação na fila dos assentos ao meu lado, olhei na sua direção e vejo o meu namorado, pedindo licença para os outros espectadores, enquanto equilibra, com destreza, sacos de pipocas e copos de refrigerantes nas mãos. Enfim, vitorioso na sua empreitada, ele se senta junto a mim, sorrio envaidecida, olho nos

seus olhos castanhos e o resto do mundo perde o foco, encolhendo-se a nossa volta. Então, eu descubro que tudo foi como tinha de ser.

Ele me entrega um dos sacos de pipoca.

— Doce para você e salgada para mim – comunica.

Eu sorrio, agradecida.

— Bem a tempo! O filme já vai começar – digo, no exato momento em que as luzes se apagam, a tela se ilumina e ele segura a minha mão.

